

# **6º CONGRESSO DA FENAMETRO**



**NENHUM DIREITO A MENOS  
NÃO ÀS PRIVATIZAÇÕES**

**ATIBAIA - 17 A 20 DE AGOSTO DE 2017**

**CADERNO DE TESES**

# Índice

<b>Programação</b>	<b>4</b>
<b>Regimento</b>	<b>5</b>
<b>Teses</b>	
Tese 1	<b>8</b>
Tese 2	<b>11</b>
Tese 3	<b>12</b>
Tese 4	<b>15</b>
Tese 5	<b>18</b>
Tese 6	<b>22</b>
Tese 7	<b>25</b>
Tese 8	<b>29</b>
<b>Contribuições</b>	
<b>Sindical</b>	
Liberdade e Autonomia Sindical	<b>32</b>
<b>As políticas de privatização e terceirização</b>	
Terceirização e privatização	<b>33</b>
Descaso como sistema metroviário	<b>33</b>
Lutar contra as privatizações/reestatizar é o caminho!	<b>34</b>
<b>Combate às opressões: Mulheres, LGBTs, Negras e Negros</b>	
Mulheres na luta contra as reformas e o machismo	<b>35</b>
Mulher negra	<b>36</b>
Tese do Grupo de Mulheres Pão e Rosas sobre o combate as opressões	<b>37</b>
Combate a LGBTfobia	<b>38</b>
Racismo e a política	<b>38</b>
A luta no combate as opressões racistas é necessária e urgente	<b>39</b>
<b>Balanco da gestão</b>	
Contribuição ao balanço da gestão	<b>40</b>
<b>Plano de lutas</b>	
E-SOCIAL uma nova era nas relações entre empregadores, empregados e governo sem controle social	<b>40</b>
Avaliação de competência “instrumento de assédio moral e organizacional”	<b>41</b>
Aprimorar a divulgação de nossas campanhas	<b>42</b>
O Desgoverno do Distrito Federal	<b>42</b>
<b>Estatuto</b>	
Proposta de Alteração estatutária 1	<b>43</b>
Proposta de Alteração estatutária 2	<b>44</b>
Proposta de Alteração estatutária 3	<b>44</b>
Proposta de reestruturação da Diretoria da Fenametro	<b>44</b>

# Programação do 6º Congresso da Fenametro

## **Dia 1 - Quinta-feira, 17 de agosto**

**15h30 às 18h** - Coffee break  
**17h às 20h** - Credenciamento dos titulares  
**18h** - Mesa de abertura  
**22h** - Jantar

## **Dia 2 - sexta-feira, 18 de agosto**

**7h às 8h30** - Café da manhã  
**8h às 12h** - Credenciamento dos titulares  
**9h** - Plenária Geral: eleição da mesa, aprovação do Regimento e apreciação de recursos  
**10h às 13h** - Exposição e debate sobre Conjuntura, movimento Sindical e a criminalização dos movimentos sociais e as práticas anti sindicais  
**13h às 14h** - Almoço  
**14h às 16h** - Credenciamento dos suplentes  
**14h às 16h** - Exposição e debate sobre a situação do setor de transportes, as políticas de privatização e terceirização  
**16h às 18h** - Exposição e debate sobre o combate às opressões (luta feminista, negra e LGBT)  
**18h às 19h** - Debate sobre alterações estatutárias  
**19h** - Jantar

## **Dia 3 - sábado, 19 de agosto**

**7h às 8h30** - Café da manhã  
**9h às 13h** - Grupo de trabalho  
**13h às 14h** - Almoço  
**14h** - Grupo de trabalho  
**19h** - Jantar

## **Dia 4 - domingo, 20 de agosto**

**7h às 8h30** - Café da manhã  
**9h** - Plenária Geral de Aprovação das Resoluções  
**12h** - Prazo final para inscrição de chapas  
**12h30** - Assembleia Geral do Congresso. Alterações estatutárias e eleição da direção  
**14h** - Posse da direção eleita  
**14h** - Almoço  
**16h** - Retorno

# Regimento Interno do 6º Congresso da Fenametro

O 6º Congresso Nacional dos Metroviários será realizado nos dias 17,18,19 e 20 de agosto. A solenidade de abertura do Congresso,acontecerá na sede do Sindicato dos Metroviários de São Paulo no dia 17 de agosto às 18h, e as demais etapas dos trabalhos se realizarão no Hotel Fazenda Hípica Atibaia, na Estr. Guaxinduva, 1145 - Guaxinduva, Atibaia - SP.

Art. 1º – Este Regimento Interno regulamenta o funcionamento e dinâmica do 6º Congresso Nacional dos Metroviários, estabelecendo o funcionamento das plenárias e dos trabalhos em grupos, bem como as responsabilidades da Comissão Organizadora.

Art. 2º – O Congresso deverá debater em suas plenárias e trabalhos de grupo os seguintes temas:

- a) Conjuntura Internacional e Nacional;
- b) O movimento sindical, a criminalização dos movimentos sociais e práticas antissindicalistas;
- c) A situação do setor de transporte e as políticas de privatização;
- d) Balanço da Fenametro;
- e) Combate as opressões (luta feminista, negra e LGBT);
- f) Plano de lutas;
- g) Alterações Estatutárias; e
- h) Eleição da nova direção da Fenametro

Art. 3º – O número de delegados por entidade sindical associada deverá obedecer uma proporcionalidade na base, para participar do Congresso, garantindo o mínimo de 3 delegados por entidade sindical e que nenhum estado tenha mais do que 40% delegados do Congresso.

Parágrafo único - Serão delegados e delegadas os metroviários e metroviárias em dia com sua entidade e que forem eleitos em assembleias gerais, setoriais ou processos eleitorais chamados para este fim, na proporção de um (01) delegado para cada cem (100) trabalhadores na base da categoria.

Art. 4º – Cada entidade poderá designar no máximo 20%(vinte) de seu delegados para observadores ou observadoras ao 6º Congresso. O custo de cada observador será pago integralmente pelo Sindicato, e é de R\$ 1320,00 para aqueles que necessitem de passagem aérea e R\$ 660,00 caso não seja necessário passagem aérea.

Art. 5º – A inscrição dos delegados e delegadas eleitos deverá ser feita até o dia 21 de julho de 2017. Assim como o pagamento da taxa de inscrição no valor de R\$ 660,00 (seiscentos e sessenta reais) por delegado.

Art. 6º – O credenciamento de delegados e delegadas titulares terá início às 17h do dia 17 de agosto, se encerrando às 20h, sendo reaberto às 8h do dia 18 e encerrado às 12h do mesmo dia. O credenciamento dos suplentes terá início às 14h do dia 18 de agosto e encerramento às 16h do mesmo dia.

Parágrafo único – Será considerado titular, o suplente que assumiu a vaga do titular e foi oficialmente informado pelo Sindicato até o dia 27 de julho. Cada entidade poderá designar no máximo 20% (vinte) de seus delegados como suplentes.

Art. 7º – A Plenária Geral é órgão máximo e soberano do Congresso cabendo-lhe discutir, aprovar ou rejeitar, em parte ou na totalidade, este Regimento Interno, os recursos apresentados, as conclusões dos grupos de trabalho, o Relatório Final e tomar quaisquer outras medidas de seu interesse.

Art. 8º – A Plenária Geral será composta pelos delegados e delegadas, com direito a voz e voto, bem como pelos observadores (as) e convidados (as) que terão direito apenas a voz.

Art. 9º – Estão previstas duas Plenárias Gerais, uma na sexta-feira, 18 de agosto, e outra no domingo, 20 de agosto. Em casos absolutamente excepcionais a Comissão Organizadora do Congresso poderá convocar uma sessão extraordinária da Plenária Geral.

Art. 10º – a Plenária Geral elegerá no dia 18 de agosto de 2017, uma Mesa Diretora que deverá se responsabilizar pela coordenação do Congresso, das mesas da Plenária e apresentar o Relatório Final das Resoluções do Congresso.

Art. 11º – Integrarão os documentos que serão debatidos pelos delegados nos grupos de trabalho e plenárias, o caderno de teses, que orientará os debates elaborados pelo conjunto dos delegados.

Art. 12º – Os grupos de trabalho se reunirão no dia 19 de agosto e serão formados pelos delegados, delegadas, observadores e convidados devidamente credenciados.

Art. 13º – Os participantes dos grupos serão distribuídos equitativamente em, no máximo, cinco grupos.

Art. 14º – Os observadores e convidados terão direito apenas a voz nos grupos de trabalho.

Art. 15º – Aos grupos de trabalho compete discutir e decidir sobre as matérias constantes do Temário do Congresso.

Art. 16º – Cada grupo elegerá uma mesa para dirigir os trabalhos, composta por 01 coordenador (a), 01 secretário (a) e 01 relator (a).

Art. 17º – Cada delegado e delegada devidamente credenciado terá direito a 01(um) voto, não sendo permitidos votos por procuração.

Art. 18º – Todo (a) delegado (a), observador (a) e convidado (a) que desejar intervir nos grupos e nas Plenárias deverá se inscrever previamente, mediante a entrega de crachá à Mesa e o fará segundo a ordem de inscrição.

Art. 19º – As votações nos grupos ou nas Plenárias serão feitas mediante o levantamento dos crachás.

Art. 20º – Em caso de dúvida, a apuração dos votos será feita mediante contagem individual das credenciais.

Art. 21º – Os grupos de trabalho e a Plenária Geral estabelecerão o tempo de intervenção para cada participante.

Art. 22º – É vedada a cessão de tempo de um delegado (a) para outro (a).

Art. 23º – As deliberações nos grupos e nas Plenárias serão tomadas por maioria simples dos votos.

Art. 24º – Serão encaminhadas à Plenária Final todas as emendas e moções que alcancem 20% dos votos do grupo.

Art. 25º – As moções deverão ser atinentes a quaisquer problemas de interesse geral ou específicos dos trabalhadores.

Art. 26º – Na Plenária Final as emendas oriundas dos grupos de trabalho serão colocadas em discussão e submetidas à votação do Plenário na ordem do Temário do Congresso. As moções serão analisadas e votadas após a discussão e votação das emendas. Finalmente a Mesa submeterá à votação o Relatório Final das Resoluções do Congresso.

Art. 27º – Após a Plenária Final será instalada a Assembléia Geral Ordinária prevista no artigo 11 dos Estatutos da FENAMETRO, que discutirá e deliberará sobre a seguinte pauta:

- 1) alterações estatutárias;
- 2) Eleição para a renovação da Diretoria e Conselho Fiscal para o triênio 2017/2020.

Art. 28º – Os casos omissos relativos ao desenvolvimento geral do Congresso serão resolvidas pela Mesa Diretora, cabendo recurso final à Plenária Geral.

# Tese 1

## Alguns apontamentos sobre nossa Organização

*Assina esta tese: Thiago Mendes, Maquinista - Pernambuco*

Essa pequena contribuição tem o intuito de propor e iniciar um debate sobre concepção de Federalismo e organização Nacional da nossa base.

A Federação Nacional dos Metroferroviários é uma entidade relativamente nova. Se comparada a outras Federações em atuação no Brasil. Nossa Entidade tem pouco mais de uma década e realiza seu 6º congresso. Apesar da “pouca idade”, A FENAMETRO organiza em sua base os principais Sindicatos desse país.

As Metroferroviárias e Metroferroviários herdaram uma responsabilidade de peso: continuar o legado dos primeiros ativistas da ferrovia. Substituir uma geração que construiu grandes ferramentas de luta não é tarefa fácil. Continuar no caminho do “Bom combate”, com independência de classe, sem capitulação, demanda muita organização. Precisamos dar o tom de qual Federação queremos construir. Precisamos ter claro que tipo de organização é a melhor para enfrentar os desafios do próximo período.

É preciso entender que a “organização” aqui tratada não está relacionada a questão de estrutura interna. “Organização” está muito mais ligada a maneira como o trabalho da Federação é realizado no seu cotidiano.

Na Atual Conjuntura, após os ataques sofridos e o horizonte nebuloso que se aproxima, uma Federação, com o peso que a nossa tem, é fundamental como instrumento de resistência aos do andar de cima. Se organizados, podemos resistir com grande chance de sucesso, todavia algumas imprecisões precisam ser corrigidas para que a nossa ação direta possa ser mais efetiva.

### O Federalismo

O Federalismo não é um termo concebido recentemente. Quantos de nós já se questionaram: O que Danado é isso? Como funciona?

Como dito antes, temos em nossa base, Sindicatos de diversas regiões desse país. Esses organismos tem uma dinâmica própria, realidades locais peculiares, mas, ainda assim, o Sucateamento, os ataques dos Governos/ Patrões e as péssimas condições de trabalho unificam nossa pauta. Apesar disso, Conseguimos sair unificados em alguma atividade Nacional? Temos uma agenda comum que dialogue com os demais setores da nossa Classe?

O Federalismo é uma concepção que dá peso aos da base e mais responsabilidade aos do Cume. Na prática, o Federalismo propõe uma via de mão dupla. O debate e as ideias devem ser realizados nos organismos de base (Sindicatos) e levados ao núcleo de direção da entidade para implementação (ação direta). Pra que tenhamos uma Federação mais estruturada, precisamos de Sindicatos fortes. Para que tenhamos Sindicatos Fortes, precisamos de Formação Sindical. Formação Sindical na base estimula o surgimento de novos quadros e oxigena o movimento. Para que tenhamos novos quadros no movimento, precisamos combater o processo de burocratização.

O primeiro passo para que tenhamos uma Federação onde a base possa propor e intervir é que a FENAMETRO possa existir na vida cotidiana de cada categoria. É importante que os Sindicatos possam estimular eventos com a presença da Federação, que membros de outros estados possam fazer visitas nas bases que não sejam as suas.

A FENAMETRO tem tentado tocar uma agenda nacional de Luta. Esse conceito é um conceito básico do FEDERALISMO, mas quantos Sindicatos se reúnem antes para levar propostas aos encontros que constroem essa pauta?

O Federalismo funciona com base na solidariedade entre os que fazem parte do mesmo organismo. É fundamental que tenhamos mais ações que resgatem esse conceito que está tão depreciado no movimento Sindical atual. Ir às bases, ouvi-las, aceitar suas críticas, refazer trajetos deve ser nossa ambição.

## **Escola Nacional de Formação da FENAMETRO**

Há uma renovação geracional na base de diversos dos Sindicatos que compõem a nossa Federação. Muitas jovens e muitos jovens passaram a fazer parte das nossas fileiras nos últimos anos. A grande maioria dessa nova geração não acompanhou as poderosas mobilizações dos anos 80, as greves massivas que contribuíram para queda do Regime Militar. Infelizmente, esses camaradas só tiveram contato com o processo de adaptação dos Sindicatos à ordem e com a degeneração de um conceito que era bastante reivindicado: A democracia Operária. Precisamos resgatar alguns Conceitos e nossa identidade enquanto Classe. É Fundamental superar a apatia e o retrocesso, é mais do que necessário formar essa nova geração.

Diversos camaradas acumulam Funções na Federação e nos seus Sindicatos. Essa sobrecarga atrapalha não só o trabalho do Sindicato no seu cotidiano, como o trabalho da Federação. Ter mais quadros com formação Sindical adequada e capazes de assumir tarefas deve ser nossa prioridade.

Para que essa proposta alcance o êxito esperado é importante formar uma equipe que elabore e coloque como meta realizar um programa Nacional de Formação para todas as nossas bases. É de extrema importância que os que chegam ao movimento possam entender como funcionam as nossas ferramentas de luta, quais suas dinâmicas, a história do nosso setor, Lutas que foram protagonizadas pelos que vieram antes de nós, etc.

A Escola Nacional de Formação da FENAMETRO teria a tarefa de forjar novas companheiras e novos companheiros para os duros enfrentamentos que estão vindo. Essa estrutura também ajudaria no processo de trabalho de apresentação da FENAMETRO para quem não conhece, contribuindo assim, para uma localização mais próxima dos problemas das nossas estruturas.

A Escola de Formação seria composta por um membro de cada Sindicato e não seria um espaço de disputa mas de acúmulo. O ideal é encaminhar as tarefas de maneira consensual e garantir um cronograma de trabalho que consiga rodar onde temos trabalho.

### **Aparar arestas e seguir avançando...**

Temos diversos problemas de Centralização de agenda, falta de acompanhamentos de realidades diversas e de relação entre Federação x Sindicato.

Após amplo debate, devemos ser bastante cuidadosos na nossa ação. Não podemos fraquejar e deixar de realizar qualquer atividade Nacional numa de nossas bases. Uma Federação atua com ampla liberdade mas com intensa firmeza na ação. Devemos ter claro que um ataque aos camaradas de Alagoas é um ataque aos do Rio Grande Sul. Centralizar agenda não significa ser burocrático, mas ser eficaz na ação. Assim, seria importante que a FENAMETRO tivesse núcleos para acompanhar o trabalho nas mais variadas localidades onde estamos (Ex. Núcleo Nordeste da FENAMETRO), com companheiras e companheiros com responsabilidade para desenvolver nossa intervenção onde estivessem firmados.

Precisamos de maneira urgente fazer entender que não há antagonismo entre FEDERAÇÃO e SINDICATO. Ambas as ferramentas são organismos de Frente Única dos trabalhadores e, por isso, fundamentais para a nossa classe. Ambas as Ferramentas podem educar e degenerar a depender de como se organizam. Ambas podem formar uma coluna importante de quadros para defender Metroferroviárias e Metroferroviários, ou ambas podem deformar e criar uma geração de Burocratas que fecham acordos escusos e defendem Governos e Patrões.

A Relação entre Federação e Sindicato não deve ser de enfrentamento mas de Solidariedade e Luta. Uma relação construída na confiança mútua é fundamental para o avançar da nossa organização. Por isso, os Sindicatos devem contribuir e construir a agenda da FENAMETRO, assim como a FENAMETRO deve construir e contribuir para a construção de Sindicatos Fortes e com bons trabalhos de Base.

### **Campanhas Nacionais da FENAMETRO**

Os Sindicatos acompanham as demandas mais específicas de cada uma de nossas categorias. Uma FEDERAÇÃO deve unificar nossos Sindicatos a partir de nossas Campanhas Nacionais.

No último período, qual a Campanha Nacional de Impacto conseguimos tocar? A resposta para essa pergunta diz muito sobre nós e em que patamar de organização estamos nesse momento.

Campanhas Nacionais precisam ter um bom trabalho de Propaganda e Agitação para “colar” no público que queremos atingir. Fazemos adesivos, distribuimos panfletos mas quantas dessas ações tocam efetivamente o coração e a mente das trabalhadoras e trabalhadores desse país? Quantos se solidarizam com a nossa luta contra as Privatizações?

Esses questionamentos são importantes quando queremos construir uma agenda Nacional. Cada realidade específica deve ser ligada ao problema geral. Em 2014, fizemos uma Greve de 3 dias em Pernambuco por conta da falta da segurança no Sistema. Essa Greve teve o apoio massivo da População. Infelizmente, não conseguimos montar nenhum comitê de base ou construir algo que potencializasse esse apoio em ações futuras. O Sindicato de BH tem feito algo muito importante com o Café da manhã com os Usuários. Os camaradas do Rio Grande do Sul fazem piquetes nos trens. Como podemos aproveitar essas ideias em ações que realizaremos?

É importante e fundamental colocar o problema do Sucateamento e das privatizações na ordem do dia. Contudo, também é importante fazer a defesa do nosso modal pela positiva. Fazemos pouco a defesa da ferrovia como alternativa ao problema da Mobilidade, ao caos Societário, etc. Precisamos iniciar algumas campanhas de propaganda com os benefícios do nosso modal e associar isso ao combate ao desmonte dos Metrô pelo Brasil.

### **“Marchar juntos, Golpear Separados”**

Estar dispostos no mesmo lado do Front não significa ter acordo em tudo, concordar sempre. As Federações, historicamente, são espaços amplos e plurais da classe trabalhadora. Temos diversos agrupamentos e correntes políticas da nossa classe nas nossas bases. É preciso encontrar um equilíbrio entre a disputa saudável e o bom encaminhamento da ação.

Podemos e vamos divergir algumas vezes mas isso não pode colocar em xeque a nossa estratégia. Precisamos “Marchar juntos” contra os ataques, o processo de Privatização, em defesa dos nossos direitos e garantir que quem queira “Golpear separado” possa fazê-lo quando quiser. Mariátegui–Militante peruano- no seu texto *El primero de mayo y el frente único* define bem a intervenção numa frente única: “Uma variedade de tendências e de grupos bem-definidos e distintos não é um mal; é, ao contrário, um sinal de um período avançado no processo revolucionário. O que importa é que esses grupos e essas tendências saibam como agir concertadamente ao confrontar a realidade concreta do dia[...] Que não empreguem suas armas [...] para ferir um ao outro, mas para combater a ordem social, as suas instituições, as suas injustiças e os seus crimes”. Portanto, ter pluralidade de pensamento é vital e essencial, todavia devemos ter em mente que atuar em frente demanda um equilíbrio quase monástico e a clareza que os verdadeiros inimigos estão do outro lado.

O momento de cerrar nossas fileiras chegou. É hora de corrigir nossos erros e partir para o revide. Vamos à Luta, Camaradas!

## Tese 2

### Unidade para derrotar Temer e suas Reformas

*Assinam esta tese: Andre Inocêncio, Antonio Takahashi, Ariston Siqueira dos Santos, Dagnaldo Gonçalves, Edgar Balestro, Francisco Duarte, Marcelo Alves, Paulo Pasin, Paulo Otávio e Raquel Amorim.*

A grave crise política que polariza a luta de classes expressa a exaustão da democracia de cooptação, cristalizada na transição da ditadura militar para o Estado de direito. Após um período de relativo crescimento econômico que viabilizou a política de conciliação de classes dos governos petistas, as consequências da desaceleração da mundial, a crise das commodities, bem como as contradições provocadas pelos megaeventos e os gigantescos problemas urbanos foram combustíveis para as jornadas de junho de 2013. O governo Dilma não foi capaz de responder às diversas demandas colocadas. A crise se agravou depois. Em 2016, o ciclo chegou ao fim por um golpe parlamentar-judicial-midiático.

O golpe foi facilitado pela estratégia conciliadora do PT, que compôs com as classes dominantes e setores conservadores, não enfrentou os oligopólios da mídia empresarial, se aliou a setores ultrarreacionários do Congresso Nacional.

Além disso, os governos do PT desmobilizaram nossa classe e domesticaram os movimentos sociais. Ainda que tenham promovido algumas melhorias pontuais, não enfrentaram os questões estruturais de uma economia dominada pelo sistema financeiro.

Pautada como um problema ligado somente a esfera pública, a corrupção é na verdade um problema estrutural do capitalismo. O sistema político só funciona irrigado pelos milhões de reais vindos das grandes empresas e bancos. Partidos e políticos funcionam como despachantes de luxo do grande capital. A Operação Lava Jato e o poder judiciário não estão fora desse esquema nem representam uma saída. As investigações são seletivas e servem a interesses político-eleitorais. Na Lava Jato e no STF, os bancos, as multinacionais e a grande mídia são blindados e escapam ilesos. Os acordos de leniência deixam as empresas livres para continuar saqueando os cofres públicos e pilhando o país. No final, sob a aparência de uma faxina geral, permanece tudo como dantes. A engrenagem do roubo não é abalada. As relações promíscuas entre o grande capital e o Estado permanecem incólumes.

A multiplicação do desemprego, o aprofundamento da pobreza e o endividamento dos/as trabalhadores/as, os ataques contra os direitos e a corrupção tornaram-se os principais componentes da indignação do povo brasileiro. Catalisá-la para fazer avançar a luta e a consciência de classe é o papel do movimento sindical e popular.

No momento em que escrevemos, Temer, apesar de bater recorde de impopularidade, conseguiu a aprovação da contrarreforma trabalhista, impondo um retrocesso nas relações de trabalho que nem a ditadura militar, onde tivemos companheiros torturados e assassinados, conseguiu impor.

As mobilizações contra as “reformas” vinham num crescente desde o 8 de março. Entretanto, dias depois do anúncio de uma nova Greve Geral em 30 de junho, sua preparação foi abandonada pela Força Sindical e pela UGT, que iniciaram negociações com Temer. Em seguida, a CUT e CTB não se empenharam com a mesma intensidade das mobilizações anteriores. Apesar da combatividade de algumas centrais, movimentos sociais, organizações e sindicatos não houve uma greve nacional e as mobilizações foram menores. Isto permitiu a aprovação, em seguida, da contrarreforma trabalhista.

Continuamos a dizer Fora Temer, e não podemos permitir que as classes dominantes imponham eleições indiretas. Devemos manter a luta contra as contrarreformas e nos esforçamos na construção de uma ampla frente de esquerda socialista e defender Diretas Já! Esta bandeira, no

entanto, é insuficiente. Precisamos colocar na berlinda o Congresso golpista, corrupto, cúmplice de ataques contra o povo, reivindicar no plano nacional Eleições Gerais, realizadas com novas regras, mais democráticas.

A unidade de ação com todos os que lutam contra Temer e suas contrarreformas é essencial, mas deve se combinar com a rejeição do projeto de conciliação e a tentativa de se transformar os atos e mobilizações em campanha eleitoral para 2018. É necessário forjar um programa de luta, que conecte as ruas ao parlamento, que una a Esquerda combativa e os Movimentos Sociais, com independência de classe, sem patrões! Por isso propomos a construção da Frente de Esquerda, com este programa;

- A) Revogação imediata de todas Medidas, Atos e Reformas anti-operárias do governo ilegítimo de Michel Temer.
- B) Em defesa da Seguridade Social e do SUS.
- C) Anulação de todas privatizações.
- D) Reformas Agrária e Urbana Já!
- E) Contra o Femicídio, o Genocídio do povo preto e indígenas! Pela criminalização da LGBTfobia.
- F) Suspensão do pagamento, e auditoria da dívida pública.

## Tese 3

### **Tese metroviários cutistas: Fora Temer, Diretas Já, Nenhum Direito a menos**

*Assinam esta tese: Eduardo, Marlene, Ivânia, Raymundo, Bossini, Zilneide, Tânia e Marcos Freire –SP, Alda – MG, Edgard e Heber - RJ.*

#### **CONJUNTURA INTERNACIONAL**

Passados quase 10 anos da maior crise mundial da História a economia internacional continua patinando e, apesar dos consensos criados de que o principal motor dessa tragédia foi o alto processo de desregulamentação da economia – com ênfase na livre atuação do capital. As medidas adotadas para conter a sanha do capital não surtiram o efeito desejado e as projeções são de que esse processo deve ter mais liberdade do que no início da crise.

Essa Divisão Internacional do Trabalho promoveu uma concentração de indústrias de alta tecnologia nos países ricos e uma pulverização de indústrias com tecnologia obsoleta e altamente poluente nos países periféricos. De certa forma, a produtividade nos processos produtivos com alta tecnologia permitiu manter um nível de renda e de bem estar social nos países centrais, ao contrário dos países periféricos onde a força de trabalho ficou exposta a uma feroz concorrência no mercado global.

Em parte, as empresas maximizam seus lucros pagando o menos possível em impostos. Elas fazem isso usando paraísos fiscais ou fazendo com que os países concorram uns com os outros na oferta de incentivos e isenções fiscais e de alíquotas tributárias mais baixas. As alíquotas fiscais aplicadas a pessoas jurídicas estão caindo em todo o mundo e esse fato – aliado a uma sonegação fiscal generalizada – permite que muitas empresas paguem o menos possível em impostos. A concentração de renda observada nesse curto período foi brutal.

No contexto atual podemos destacar três movimentos que tem balançado a estrutura social mundo afora.

O primeiro movimento foi a aceleração das migrações em escala global. A extrema violência é uma condição central para explicar essas migrações, assim como o são trinta anos de políticas de desenvolvimento internacional que deixaram muitos habitats mortos (devido à mineração, às apropriações de terras para a expansão latifundiária e à monocultura agrícola) e expulsaram comunidades inteiras de seus territórios.

“Os refugiados são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Com frequência, sua situação é tão perigosa e intolerável que devem cruzar fronteiras internacionais para buscar segurança nos países mais próximos, e então se tornarem um ‘refugiado’ reconhecido internacionalmente, com o acesso à assistência dos Estados, do ACNUR e de outras organizações. São reconhecidos como tal, precisamente porque é muito perigoso para eles voltar ao seu país e necessitam de um asilo em algum outro lugar. Para estas pessoas, a negação de um asilo pode ter consequências vitais”.

Outro movimento foi a campanha e o resultado do plebiscito sobre a saída do Reino Unido da Comunidade Européia – batizado de BREXIT. A intensa campanha marcada pelo medo e preconceito fez com que os habitantes da Ilha votassem majoritariamente no seu desligamento da União Européia. Políticos conservadores com apoio da mídia veicularam propagandas aterrorizando a população com mensagens anti- imigrantes: a) por serem responsáveis por retirar os empregos dos cidadãos, escondendo assim o fato de que os principais bancos e empresas estarem envolvidos nas fraudes de 2008, bem como da sonegação de seus lucros em paraísos fiscais; b) pelo aumento da violência, como se isso não ocorresse pelo alto índice de desemprego e segregação racial e étnica e mesmo de classe social, pois foram justamente os mais pobres- incluindo britânicos, que sofreram as piores consequências da crise econômica; etc.) pelo sentimento separatista espelhado no senso comum de que todos os males sofridos foram causados pelo processo de inclusão na Comunidade Européia que restringiram o desenvolvimento econômico e social do reino Unido.

Por fim a vitória de Donald Trump na eleição presidencial nos Estados Unidos. Um empresário famoso pela sua riqueza e também por seus fracassos, um genuíno “outsider”. Contestado pelo seu próprio partido – Republicano, mas com amplo apoio de conservadores radicais e do capital conseguiu uma vitória inesperada frente a uma conhecidíssima Hillary Clinton. Podemos destacar que os Democratas também ajudaram a vitória de Trump com os ataques a outro postulante da candidatura pelos democratas: Bernie Sanders, que contava com boa simpatia dos movimentos sociais ligados ao occupy e de trabalhadores.

Exatamente nesse contexto caótico e perigoso aconteceu o golpe aqui no Brasil, articulado pelos mesmos setores que sempre defenderam a saída do Estado da economia e o fim das políticas distributivas.

## CONJUNTURA NACIONAL

Ainda não é possível mensurar aqui no Brasil os reais motivos da extensão dessa crise; se reflexos da economia internacional ou a postura da elite local em jogar tudo na deposição de um governo democrático popular. É óbvio que os reflexos da crise não passariam despercebidos em nossa economia, o mundo hoje segue com alto grau de interdependência em processos produtivos cada vez mais globalizados no chão de fábrica e em suas estratégias de atuação. Por outro lado, o Brasil seguia um ritmo de crescimento e uma estabilidade sócio- econômica que permitia uma navegação segura nesse mar revolto.

No segundo mandato de Dilma as ações do governo visando minimizar os impactos externos não obtiveram nenhum sucesso e serviram no agravamento da própria crise. As seguidas elevações das taxas de juros e a desoneração fiscal das empresas aumentaram significativamente os gastos públicos e não tiveram nenhuma contrapartida dos setores produtivos. Por outro lado cresceram as margens de lucro, a sonegação e evasão fiscal.

A elite local não se contentou mais com as pequenas concessões na política distributiva e no pequeno estado de bem estar social. Aproveitando o avanço das forças conservadoras ao nível global reaglutinou seus representantes em todas as esferas de poder e promoveu um golpe de Estado.

O que assistimos nesse governo golpista foi o desmonte das empresas estatais e mesmo de empresas privadas locais e a reversão de políticas sociais. Isso pode ser visto na pauta apre-

sentada com a Reforma da Previdência, Reforma Trabalhista, Abertura ao Capital Internacional, Privatizações, Exploração do solo, e agora a Terceirização.

A ação das forças conservadoras vem se dando de várias formas. O julgamento e a execução da Ação Penal 470 foram marcados por uma série de violações constitucionais e por graves erros, transformando-se num processo de judicialização da política que abre precedente para criminalizar os movimentos sociais e que afronta a democracia. Esses fatos, amplificados pela enorme exposição na mídia, deixaram claro a partidarização do judiciário na realização de um julgamento político, cujo principal objetivo é a derrota de um ciclo inaugurado pelo governo social e democrático do Presidente Lula.

As manifestações populares que tomaram as ruas do País em junho de 2013, reivindicando melhoria na mobilidade urbana, na saúde, na educação e, ao mesmo tempo, denunciando a corrupção, foram manipuladas pela imprensa com o intuito de desacreditar o governo e os próprios manifestantes. A repressão e a violência policial criaram clima de terror em várias capitais e dispararam uma onda de criminalização do movimento, aumentando a instabilidade e o tensionamento. A estratégia de manipulação das informações desviou o foco de uma análise mais consistente sobre a real motivação das manifestações populares.

A população exigia mais Estado, mais políticas públicas universais. Os serviços de saúde e educação pública não atendem nem em quantidade, nem em qualidade a necessidade da população, que se encontra refém da exploração na educação e na saúde privada. A falta de uma política de segurança pública nas grandes cidades, que tenha como objetivo garantir a cidadania da população, o respeito à democracia e aos direitos humanos, que trabalhe com ações preventivas em parceria com a comunidade, faz crescer a marginalidade, a violência e a insegurança.

É fundamental entender que a origem e o real sentido das manifestações estavam longe da tentativa de reduzi-las a uma ação de vândalos, ou da interpretação de que se trata de uma expressão popular de oposição à presidenta Dilma e contra as mudanças que o País viveu nos últimos anos. Foi neste cenário que se inseriu o movimento “Não vai ter Copa” e suas variantes, como mais uma apropriação da direita, ajudada por setores autoproclamados de “esquerda”, que visavam desgastar o governo no debate político eleitoral e conseguir algumas cadeiras a mais nos parlamentos ou mesmo uma vitória na eleição majoritária.

Pelos mesmos motivos oportunistas setores de “esquerda” recorrem a um discurso altamente perigoso; o de que não houve um golpe no Brasil. Oportunista, por balizar esse “argumento” imputando exclusivamente ao PT a responsabilidade pela queda de Dilma e condenações e prisões de dirigentes. Perigoso, pois justifica o processo atual de judicialização da política, colocando sobre o Poder Judiciário a condução política das ações; e, por outro lado, isenta de responsabilidade a elite local e internacional no financiamento de “movimentos espontâneos” e a campanha de políticos golpistas, isenta o papel do PIG em manipular a opinião pública escondendo fatos e divulgando sua visão de mundo, isenta a Polícia Federal em ações puramente midiáticas sempre vazadas ao PIG quando se tratava do PT.

O projeto de Reforma da Previdência, apesar de todos os esforços em peças publicitárias veiculadas largamente na mídia, não conseguiu angariar apoio junto a população e foi estrategicamente deixado de lado para aprovação de outras reformas de interesse direto do capital: Trabalhista e Terceirização.

O projeto de Terceirização estava adormecido no Congresso há mais de 15 anos, foi aprovado e sancionado a toque de caixa, literalmente. Representa um retrocesso de séculos nas relações de trabalho, condenado por muitos juízes trabalhistas.

Na Reforma Trabalhista os resultados não foram muito diferentes. O projeto aprovado simplesmente inviabiliza ainda mais a livre organização sindical e impede na prática a busca de reparações junto a Justiça do Trabalho. Não há mais regras e não há mais leis; deixando exclusivamente nas mãos do capital a vida dos trabalhadores.

As últimas decisões do Sistema judiciário em soltar diversos personagens envolvidos em flagrantes de corrupção, principalmente Rocha Loures e Aécio Neves e condenar o Lula sem apresentação de uma única prova concreta; demonstra claramente para quem o sistema trabalha. O maior absurdo foi penhora de bens do Lula, sem provas e sem tríplices; deixando evidente que o único propósito dessa desventura é retirar Lula da próxima eleição; seja agora ou em 2018.

O movimento social vem reagindo de forma mais intensa em 2017, 100 anos após nossa

primeira greve geral. Apesar de toda forma de pressão e terrorismo do capital fizemos 3 grandes greves em março, abril e junho; a ocupação de Brasília, no dia 24 de maio; diversas ocupações de terras e áreas urbanas pelo MTST e MST; passeatas em muitas cidades pelo Brasil inteiro. No entanto, isso não tem se mostrado forte o suficiente para reverter os prejuízos com as decisões do Congresso que representam um atraso de 100 anos.

É preciso mais:

a) Devemos construir uma unidade de ação ainda maior visando envolver o movimento sindical para além das centrais sindicais, pois algumas delas ainda agem com a agenda do patronato; como setores da Força Sindical e UGT.

b) Consolidar nossa relação com os movimentos sociais, particularmente a Frente Brasil Popular -FBP e a Frente Povo Sem Medo - FPSM, visando construir a unidade das forças no campo democrático popular para enfrentar as forças conservadoras e golpistas.

c) Mobilização permanente nos locais de trabalho visando conscientizar as categorias sobre uma greve geral como instrumento mais importante de luta.

d) Investir fortemente em nossos canais de comunicação visando romper o isolamento imposto pela grande mídia.

FORA TEMER, DIRETAS JÁ, NENHUM DIREITO A MENOS.

## Tese 4

### Tese ao Congresso da Fenametro

*Assinam esta tese: Cármen (Aeromóvel), Rafael (Setra) e Fernando (Aeromóvel), delegados ao Congresso da FENAMETRO e ela tem apoio de diversos metroviários e metroviárias de base da categoria metroviária do Rio Grande do Sul que lutam por um Metrô Público, Estatal, Democrático e Transparente.*

Metroviários e metroviárias da categoria representada pelo SINDIMETRÔ/RS apresentam esta tese tendo em vista o Congresso da FENAMETRO que se realizará entre os dias 17 e 20 de agosto, em Atibaia/SP.

Defendemos o FORA TEMER e DIRETAS JÁ; queremos revogar a lei da terceirização e a reforma trabalhista, além de impedir a previdenciária. Somos contra qualquer tipo de discriminação contra mulheres, negros, homossexuais e demais minorias oprimidas. Queremos um Metrô Público, Estatal, Democrático e Transparente. Defendemos a unidade da classe trabalhadora e da categoria metroviária porque unidade, consciência de classe e de luta estão na base de nossas conquistas históricas e lutamos para melhorar a vida da classe trabalhadora com força e serenidade, com formas de lutas adequadas e eficazes, sem atitudes sectárias, vanguardistas ou irresponsáveis.

#### FORA TEMER e DIRETAS JÁ!

O Governo Temer é fruto de um golpe na democracia brasileira. Arquitetado por Temer e sua Organização Criminosa (ORCRIM), tendo o PMDB, o PSDB, o PP, o DEM e o PSD como seus principais articuladores, em conluio com o grande capital, representando pela FIESP. Também fazem parte do consórcio golpista, a grande mídia, tendo como principal expoente a Rede Globo, além de setores do Judiciário.

Tal como aconteceu nos golpes contra Getúlio (1954) e Jango (1964), o golpe contra Dilma (2016) está articulado com o imperialismo estadunidense. Lá eles queriam nossas reservas de minério de ferro e agora querem o petróleo do pré-sal.

O golpe veio para acabar com os avanços que a classe trabalhadora vinha alcançando nos últimos anos, através do aumento da massa salarial, do salário mínimo, do crédito e das oportunidades de trabalho, além dos programas sociais, tais como, bolsa família, prouni, mais médicos, minha casa minha vida, dentre vários outros. Retira direitos, terceiriza e provoca retrocessos na previdência e nas leis trabalhistas. O golpe de Temer aprofundou a recessão provocada pelo estrangulamento que Eduardo Cunha imprimiu, enquanto Presidente da Câmara dos Deputados, na economia brasileira com suas “pautas-bomba”, durante o ano de 2015, conforme denunciou recentemente a BBC de Londres.

O aprofundamento do golpe será a privatização do Metrô e o retorno do Brasil ao século XIX, com a subtração de direitos humanos, civis e trabalhistas e o aumento da exploração da classe trabalhadora pelo capital, além do aumento da opressão ainda maior do povo brasileiro pela elite tupiniquim composta por um bando de canalhas corruptos e golpistas.

Por isto defendemos o FORA TEMER e DIRETAS JÁ!

Mobilizamos a categoria para as greves gerais dos dias 28 de abril e 30 de junho. Tivemos importantes adesões, porém, uma parcela da categoria ainda não percebeu que ao furar a greve está cavando sua própria sepultura profissional porque quanto mais fraco estiver o movimento sindical mais o governo Temer investirá contra nossos direitos e contra o patrimônio público. Depois será tarde para chorar. A hora de lutar é AGORA!

Na greve do dia 30 de junho, a mobilização da categoria ficou aquém do desejável e o resultado foi desastroso. Está faltando trabalho de base, formação política e postura crítica perante a direção da Empresa.

## **RETROCESSO TRABALHISTA**

No último dia 13 de julho o governo golpista de Temer sancionou o golpe nos direitos dos trabalhadores revogando e alterando vários artigos da CLT. A referida lei entrará em vigor 120 dias após a sua promulgação, ou seja, dia 10 de novembro.

Agora as empresas poderão implantar o chamado horário intermitente, ou seja, convocam o trabalhador para laborarem na hora que bem entenderem sem dar satisfação.

Na homologação da rescisão não será mais obrigatória a presença do Sindicato e se os cálculos forem a menor, o prejuízo será do trabalhador.

Agora poderá ocorrer demissão em massa, sem assistência sindical e ao assinar o PDV o trabalhador estará dando plena e irrevogável quitação aos direitos decorrentes da relação trabalhista, ou seja, não poderá ingressar depois na justiça.

Foi criada a demissão de comum acordo, no qual o aviso prévio e a multa do FGTS são pagos pela metade, liberando apenas 80% do fundo de garantia, sem direito a seguro desemprego.

A cada ano o trabalhador será obrigado a assinar o termo de quitação trabalhista e não poderá mais entrar com ações.

A Justiça do Trabalho será gratuita apenas para quem tem salário inferior a 30% do teto do INSS, ou seja, em torno de R\$ 1.520,00. Os demais terão que pagar, além de advogado, custas do processo, perícia, se houver e, se perder a ação, custas de sucumbência, algo em torno de 35 mil reais para grandes ações.

Consolida a terceirização para todas as atividades em todos os setores e locais de trabalho, permitindo demitir metroviário com dez ou mais anos de casa para contratar empresas terceiras pagando um salário mínimo para estações, segurança, administrativo, manutenção, além de controle e operação de trens.

É um verdadeiro retrocesso que permitirá o arrocho salarial, a ameaça de demissão como prática funcional e a degradação das condições de trabalho de toda a classe. Mas, o que mais dói é saber que tem metroviário (a) que apoiou o golpe e ainda apóia Temer. Foi contrário às greves gerais e continua iludido achando que o golpe veio para melhorar alguma coisa. Apenas para os patrões e corruptos porque para a classe trabalhadora o prejuízo será enorme.

A Fenametro, o Sindimetrors e as centrais sindicais devem se engajar na luta pela derruba-

da destas medidas, colocando obstáculos à sua aplicação, realizando greves e manifestações contrárias, ingressando com ações de inconstitucionalidade, denunciando suas ilegalidades e exigindo dos candidatos a Presidência em 2018, o compromisso de sua revogação, como condição para ter o voto dos trabalhadores.

## **CONTRA QUALQUER TIPO DE DISCRIMINAÇÃO EXIGIMOS IGUALDADE NA DIVERSIDADE**

Vivemos num mundo capitalista, machista, racista e homofóbico. Nossa luta deve defender as mulheres, os negros, os homossexuais e demais oprimidos dos permanentes ataques que sofrem, de forma direta ou velada, daqueles que não têm consciência, respeito e solidariedade com a condição ou opção destes. Queremos um mundo igualitário, solidário e livre. Sabemos que é difícil alcançar esta condição, mas isto não impedirá nossa luta contra qualquer tipo de discriminação. Estamos atentos aos abusos e vamos denunciar atitudes que não respeitem colegas e estimulem as práticas discriminatórias.

Cada ser humano reúne um conjunto particular de características, cor, raça, gênero, sexualidade, identidade de gênero etc. Formamos um mosaico único que precisa ser entendido, aceito e respeitado.

É fundamental que as entidades sindicais desenvolvam ações para construir a igualdade e respeito à diversidade. Todo o diferente causa estranheza e resistência no princípio.

Devemos promover cada vez mais os direitos de cidadania dentro dos espaços sindicais. Construir a igualdade valorizando a diversidade e respeitar a diversidade sem ferir a igualdade é um desafio.

A questão de gênero no sindicalismo foi uma das primeiras batalhas internas. Nos primórdios do sindicalismo, as mulheres não eram “bem vistas” nos sindicatos, devido a ideologia que via a sua presença como intromissão indevida numa esfera que não lhes pertencia. Tivemos avanços significativos como a introdução das cotas para as mulheres nos estatutos sindicais. Esta ação obriga as entidades a buscá-las para a composição das diretorias. Mas isso não quer dizer que as mulheres tenham poder nos sindicatos. Normalmente, a elas são delegadas tarefas “menores”, quando muito. Em alguns casos, elas são simplesmente um nome a ser legalmente cumprido.

O respeito ao diferente deve começar pela concretização de ações que possibilitem a participação das mulheres de forma mais efetiva nas lutas das categorias. Entender que elas têm características únicas que um homem jamais irá vivenciar, embora possam entender.

O assédio moral, emocional ou sexual é um assunto a ser debatido e entendido por todos, homens e mulheres. Não se deve tolerar nenhum tipo de manifestação de domínio dos homens sobre as mulheres. Para isso é a atitude que deve mudar.

Promover ciclos de debates constantes sobre o tema gênero e conscientizar as bases da categoria sobre a importância do assunto são duas ações que podem ser implementadas de imediato.

Os motivos aqui expostos são uma pequena amostra e nos diz que precisamos aprofundar o assunto. Mostra que é fundamental identificar as dificuldades das mulheres, inclusive no meio sindical, a fim de alcançarmos a igualdade desejada nestes espaços.

## **POR UM METRÔ PÚBLICO, ESTATAL, DEMOCRÁTICO E TRANSPARENTE**

O fantasma da privatização ronda os sistemas metroviários brasileiros. Os golpistas comandados por Temer querem entregar tanto os serviços quanto o patrimônio público que compõem os sistemas.

No Metrô de São Paulo, a terceirização das bilheterias da Linha 5 é um exemplo recente. Em Porto Alegre, Padilha anunciou um negócio da China ao propor a entrega da TRENSURB aos chineses, através do Aeromóvel. O negócio deu uma freada porque o interlocutor de Padilha, um taiwanês de nome Kwo Cchang, está condenado por corrupção pela justiça brasileira. Mas eles voltarão à carga e para isto precisamos estar atentos e preparados. Em Porto Alegre, eles já tentaram este golpe em 1993 e 1998 e foram derrotados. Vamos enfrentá-los e derrotá-los novamente. Mas, para isto, precisaremos da unidade de toda a categoria metroviária e de todos os seus sindicatos. É URGENTE A CONSTRUÇÃO E DEFINIÇÃO DE UM PLANO DE LUTA CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DA TRENSURB APROVADO EM UMA ASSEMBLÉIA GERAL UNITÁRIA DA CATEGORIA METROVIÁRIA COM A PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS SINDICATOS.

Este Congresso da FENAMETRO deve apontar as diretrizes deste Plano a fim de orientar as categorias pelo Brasil afora, sem prejuízo de acréscimos e aperfeiçoamentos locais por conta das peculiaridades de cada sistema.

Com base nestas diretrizes aprovadas por este Congresso, os diretores da FENAMETRO em cada um dos sindicatos filiados deverá propor a convocação desta Assembléia Geral Unitária, em local de fácil acesso à categoria, antecedida de uma reunião de representantes dos segmentos metroviários nos sindicatos internos com a presença aberta à participação de qualquer integrante da categoria.

Temos a tarefa de conscientizar os metroviários e as metroviárias para a luta. Esta tarefa deve ser cumprida com zelo e determinação. Precisamos multiplicar nossa capacidade de informação para a categoria com boletins permanentes e informações sobre as investidas dos privatistas, expondo suas intenções e levantando barreiras para impedir suas ações.

Todos os movimentos dos privatistas internos e externos, que visem entregar os sistemas metroviários à privada, no todo ou em parte, retirar direitos ou perseguir metroviários, devem ser imediatamente denunciados por todos os meios possíveis.

Precisamos reforçar nossas relações de apoio com parlamentares, lideranças sindicais e comunitárias, outros sindicatos e centrais sindicais, além de personalidades com trânsito na sociedade.

Devemos constituir um corpo de técnicos capazes de produzir argumentos sólidos contra a privatização mostrando, antecipadamente, seus efeitos nefastos, preparando ações políticas, jurídicas e de outros tipos que visem barrar qualquer iniciativa golpista contra os sistemas metroviários, a categoria e seus integrantes.

Por fim, além de unificar a categoria e colocá-la em movimento nesta luta devemos abrir relações com os usuários do Metrô com a criação de movimentos orgânicos contra a privatização do Metrô. Estes movimentos devem ser integrados pelos usuários, pela categoria metroviária e por membros da sociedade.

## **Tese 5**

### **“Só a luta pode mudar a vida!”**

*Assinam esta tese: A diretoria do Sindimetrô RS, sindicato filiado à CSP/CONLUTAS, e os (as) companheiros(as): Arno Leopoldo Rheinheimer – Sindimetrô/RS, Ana Paula Gomes Caxeiro – Sindimetrô/RS e Ayllu Acosta – Sindimetrô/RS; Unidos pra Lutar; #MAIS; MES – Movimento de Esquerda Socialista*

Iniciar a nossa contribuição para o Congresso da FENAMETRO com esta consigna nos parece mais atual do que nunca.

Precisamos nos inspirar no primeiro semestre de 2017 para preparar a nossa luta e, unitariamente, votar que só com grandes mobilizações, que passam pela batalha de realizar uma poderosa greve geral de 48 horas, poderemos derrubar Temer e impedir a continuidade das reformas.

#### **A CRISE POLÍTICA**

A crise política brasileira parece não acabar! Desde o fim da ditadura, o país não vivia momentos de tanta desilusão e descrédito com a política.

Desde que o PT e, sobretudo, Lula, seu principal dirigente, escolheram gerenciar o Estado para a burguesia, o que prometeram? O controle das massas, das direções dos movimentos sociais e a liberdade para o mercado atuar. Assim, bancos bateram recordes de lucro, remessas gigantescas foram feitas para as matrizes no exterior e empresários enriqueceram com financiamentos do BNDES.

Numa onda de prosperidade, com crescimento econômico e alto nível de consumo das famílias, o país parecia ir bem.

Assim seguia o Brasil: um grande líder que hipnotizou as massas, uma direção política e sindical que calou as principais organizações dos trabalhadores e um governo que serviu aos poderosos.

Mas a burguesia cobra o seu preço. E, portanto, ao PT não permitia nada além de conceder algumas migalhas ao povo, desde que não interferisse no lucro dos empresários e na acumulação de capital.

Portanto, ao PT perder a sua capacidade de controlar as massas. E 2013 foi prova disto. Lula, Dilma e seus parceiros foram substituídos.

Evidentemente que nem tudo são rosas na vida do “andar de cima”. Pois, além da explosão de 2013, que abalou o pacto entre a burguesia e o PT, este processo não se fechou, aumentou significativamente o número de greves dos setores públicos e privados em 2013 e 2014, afirma-se inclusive que o número das mesmas foi superior a 1989.

Em 2016, a instabilidade política se deu por conta da burguesia não ter logrado êxito eleitoral, portanto, tornou-se necessário substituir o governo que já não servia mais aos seus interesses, através de seus antigos aliados palacianos e do Congresso.

Mas a queda de Dilma, não foi suficiente para estabilizar o país e criar as condições para consolidar o ajuste fiscal. Ao contrário, Temer se deparou com uma forte resistência para seguir aprofundando os ataques. Por isso afirmamos que o ano de 2017 segue no signo de reação da classe trabalhadora

A crise política e a indignação do povo vêm crescendo. Por um lado, pelos recorrentes escândalos de corrupção envolvendo o impopular Michel Temer e, por outro, porque os ataques são realmente brutais.

## **2017: UMA MARCA NA HISTÓRIA DOS(AS) TRABALHADORES(AS) BRASILEIROS(AS)**

O 8M, dia de Greve Geral das mulheres, chamado para 8 de março, data que marca o Dia Internacional da Luta das Mulheres, se espalhou com imensa força em todas as partes do mundo e, conseqüentemente, influenciou ações e manifestações ocorridas a partir desta data. O dia 15 foi marcado por fortes manifestações e paralisações e também devemos destacar as passeatas e atos públicos ocorridos em 31 de março.

Abril foi dedicado à preparação da greve geral, marcada para o dia 28. A organização pela base, com assembleias por categorias, panfletagens, formação de comitês e fóruns e também a unidade das centrais sindicais, que garantiram a maior greve geral, desde 1989. De Norte a Sul do país, os(as) trabalhadores(as) cruzaram os braços para dizer não às reformas trabalhista e da previdência.

O “Ocupa Brasília”, ocorrido no dia 24 de maio, reuniu 150 mil pessoas e demonstrou, mais uma vez, a indignação dos trabalhadores contra as reformas do governo e dos patrões. Reformas estas que estão sendo articuladas por um Congresso, formado por uma maioria de deputados e senadores atolados em denúncias de corrupção. Temer chamou até o Exército para derrotar a manifestação. Não conseguiu, houve enfrentamento direto com as forças repressoras, mas os(as) trabalhadores(as) resistiram, organizados(as), até o final do ato.

No dia 30 de junho, tivemos um grande dia de luta, mas infelizmente houve um boicote por parte das grandes centrais que, por razões diferentes, desmontaram, e/ou não chamaram com força a greve geral. A Força Sindical, preocupada apenas em negociar com o governo a manutenção do imposto sindical, e a CUT, que se volta totalmente para apontar a saída eleitoral: Lula/2018. Saída essa cada vez mais complicada com a condenação do ex-presidente.

## **FORTALECER A LUTA E CONSTRUIR UMA ALTERNATIVA DE DIREÇÃO**

O que se construiu até agora demonstra que é possível enfrentar os ataques e que a classe trabalhadora tem disposição para realizar greves, paralisações, atos e muita mobilização para defender os seus direitos.

É possível derrotar Temer e este Congresso corrupto. Mas, para isto, não podemos nos con-

fundir. A tarefa do movimento sindical combativo e independente segue sendo a organização da luta para derrotar as reformas e colocar para fora os governos do ajuste e da corrupção.

Qualquer discurso fora desta linha é capitulação. Devemos sim perseguir a mais ampla unidade de ação para lutar contra as reformas do capital e os governos que querem aplicá-las, para que as mobilizações avancem e a nossa classe se fortaleça.

A luta contra estas reformas não pode arrefecer. Devemos seguir com as mobilizações, atos públicos, greves e todas as demais formas de enfrentar estes ataques. A estratégia do movimento sindical não pode estar vinculada à tática eleitoral proposta por alguns setores que chamam “Lula 2018” como a saída para os trabalhadores.

Também não podemos deixar de perseguir, enquanto estratégia, a construção através das lutas, mas também nas disputas nos sindicatos, centrais e nos movimentos sociais de uma “nova direção política e sindical” para a nossa classe. Sendo que para isto será necessário o combate cotidiano à burocracia que está encastelada nos aparelhos e luta à morte para não perder seus privilégios.

### **BREVE BALANÇO DA FENAMETRO**

Nos últimos anos, a Federação tem apresentado melhorias no que diz respeito a sua inserção junto aos sindicatos de base. Faltou, todavia, uma participação mais incisiva, para organizar a luta para garantir a regulamentação da profissão de metroviário.

Além disso, fica a necessidade de a Fenametro aproveitar melhor as viagens e participações em eventos organizados pelos sindicatos de base, tornando essas experiências mais produtivas para a Federação e para as direções sindicais e categorias representadas. Não se trata de negar a contribuição ofertada, mas de buscar mecanismos para que essas contribuições possam ser ainda mais fortalecidas.

Neste sentido, a Fenametro deve:

1. Melhorar a interlocução com os sindicatos de base;
2. Intensificar a luta pela regulamentação da profissão de metroviário;
3. Dar mais atenção para as intervenções do seu Jurídico;
4. Utilizar os seus meios eletrônicos para melhorar a comunicação entre os sindicatos de base;
5. Ampliar e qualificar a sua participação nas atividades organizadas pelos sindicatos filiados.

### **PRIVATIZAÇÕES E DESMONTE DA NOSSA PROFISSÃO**

A conjuntura nacional, com as crises econômica e política, colocam a categoria metroferroviária em risco de extinção. Sem dúvida, a luta da vida dos metroferroviários é pela sobrevivência profissional.

Isso ocorre porque os governos avançam nos processos de privatizações de várias empresas, entre elas, todas que operam o transporte metroferroviário no Brasil.

O metrô do Rio de Janeiro foi privatizado em 1998 e hoje é considerado o que presta o pior serviço e tem a tarifa mais cara. Em São Paulo, já está em operação uma linha privada. Outras duas empresas estão com leilões marcados e o governo do Estado já divulgou o calendário de leilões visando à privatização de todas as linhas. No Distrito Federal, a intenção é vender o metrô em 2018. O governo, junto com a empresa que opera o metrô, vem dando os passos necessários para que a venda se concretize.

Os sistemas ligados ao Governo Federal, CBTU e Trensurb, desde o Governo Dilma são alvos de anunciadas privatizações. São decisões políticas de transferência do patrimônio público para os detentores do capital e que prejudicam os trabalhadores.

Quem paga o preço desta transferência são os trabalhadores destas empresas e os usuários, que perdem na qualidade do serviço prestado e no abusivo aumento do preço das passagens. As demissões em massa, o aumento da tarifa e a precarização das condições de trabalho são consequências imediatas deste processo.

Deste modo, a luta por reajustes salariais e a ampliação de conquistas ficam prejudicadas, pois a luta prioritária passa a ser contra a privatização e pela garantia de empregos.

## É PRECISO QUE A FENAMETRO SEJA PARTE DO MOVIMENTO FEMINISTA/CLASSISTA

O 8 de março de 2017 foi um marco na luta das mulheres. Há muitos anos que não víamos um movimento internacional com força em diversos países. Esse movimento pautou a luta contra a violência machista e o lugar das mulheres no mundo do trabalho. Foram mais de 40 países que se somaram ao chamado do ato internacional e ao movimento - “Se as nossas vidas não importam, que produzam sem nós”.

Esse eixo dialogou diretamente com as mulheres trabalhadoras, que, em diversos países, estão enfrentando os governos, que aplicam, a mando do imperialismo, o Ajuste Fiscal contra a classe trabalhadora, atingindo mais ainda as mulheres, que invariavelmente estão nos postos de trabalho mais precarizados.

Ainda existe, infelizmente, uma urgente necessidade de combate ao machismo inerente às organizações sindicais e aos dirigentes homens. E não são poucas as formas como isto se manifesta: ausência de mulheres na diretoria ou em cargos executivos de mais destaque, falta de dedicação a pautas específicas, menor compreensão nas dificuldades cotidianas que uma mulher enfrenta para ser um sujeito político, forma de tratamento desrespeitosa, imposição por meio de tamanho e tom de voz, ameaças e, em casos piores, assédio sexual velado ou explícito.

As demonstrações machistas podem acontecer por total desconhecimento da discussão ou pela falta de engajamento na mudança de postura. Por vezes o feminismo é enxergado como uma pauta acessória e que, se levado às últimas consequências, põe em risco a unidade da classe trabalhadora.

Temos visto várias bravas mulheres que têm se enfrentado com suas diretorias e despontado como dirigentes da classe pelo país. Este fato só poderá trazer cada vez mais ganhos para nossas lutas.

Diante deste cenário, o Congresso deve aprovar as seguintes resoluções:

1. Exigir que as centrais convoquem uma nova Greve Geral, de 48 horas, para derrubar Temer e as reformas do capital.
2. Intensificar entre os metroferroviários a luta contra os governos do “ajuste fiscal e da corrupção”;
3. Mobilizar a categoria e os usuários para lutar contra a privatização;
4. Realizar campanhas contra as demissões e por uma tarifa social;
5. Lutar pela manutenção de direitos conquistados e por reajustes salariais que representem ganhos reais à categoria;
6. Defender nas entidades de base que a pauta do feminismo será cotidiana e que deve ter a sua expressão nas políticas e na forma organizativa. As direções e entidades devem elaborar política para que seja alcançada a paridade de gênero nas instâncias visando garantir cota de 50% para as mulheres.
7. Que a Fenametro oriente todos seus sindicatos filiados a realizarem cursos de discussão sobre o machismo, a fim de educar dirigentes para que não reproduzam práticas que afastam as mulheres da direção sindical.
8. Fortalecer as Secretarias de Mulheres dos sindicatos, para que tenham autonomia em discutir casos de machismo inerentes ao movimento.
9. Lutar e realizar campanhas contra a opressão aos negros e negras e LGBTs.

# Tese 6

## Tese assinada pelos militantes do Unidade e Luta Metroviária

*Assinam esta tese: Wagner Fajardo SP, Sanclair Clemente – PE, Sebastião – RJ, Elaine Damásio – SP*

### Internacional

1) O cenário internacional é marcado por tensões, conflitos e ameaças, resultados da prolongada crise do sistema capitalista e da ofensiva imperialista contra os povos e as nações. O declínio relativo dos Estados Unidos como potência hegemônica e a transição para um mundo multipolar, com a notável emergência da China e a retomada de protagonismo da Rússia, são aspectos determinantes da geopolítica mundial.

2) Na fase neoliberal do capitalismo, a hegemonia do capital financeiro faz a especulação e o rentismo as principais formas de acumulação da riqueza, elevando a níveis extraordinários os capitais financeiros. As saídas para a crise têm lançado o pesado ônus para os povos e nações da periferia do sistema.

3) O resultado tem sido a elevação dos níveis de desempregados, que já ultrapassam os 200 milhões, segundo a OIT, a ultra concentração das riquezas e rendas, o aumento das mazelas sociais e a explosão da violência.

4) Os enormes avanços tecnológicos e o aumento da produtividade da chamada quarta revolução industrial não têm significado melhores condições de vida para os trabalhadores. Ao contrário, o capitalismo tem utilizado tais avanços para diminuir postos de trabalho, fragmentar a classe e ampliar a exploração do trabalho.

5) A ofensiva do imperialismo dos EUA e seus aliados tem provocado guerras, intervenções, bloqueios econômicos e golpes de estado. As guerras e as chagas sociais têm produzido deslocamentos em massa de milhões de refugiados e migrantes à procura da sobrevivência, drama humanitário que atinja mais de 65 milhões de pessoas até 2015, segundo a ACNUR/ONU.

6) Na esteira da onda conservadora, forças de ultradireita e de cunho fascista emergem em diversos países, como se viu na eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, e no segundo turno das eleições na França, por exemplo.

7) Na América Latina, o imperialismo e seus aliados nas elites nacionais, orquestram uma restauração conservadora que resultou na vitória do neoliberal Macri, na Argentina, na persistente desestabilização da Venezuela e no golpe jurídico-parlamentar no Brasil.

8) A luta e a resistência dos povos por direitos, soberania e autodeterminação se desenvolve, apesar da correlação de forças desfavorável. Valorizar as lutas de resistência em cada país e explorar as contradições entre as nações imperialistas é fundamental para a acumulação de forças e para criar as condições para uma nova época de desenvolvimento, progresso social e paz.

9) No centenário da revolução proletária de 1917 na Rússia a crise geral do capitalismo indica a necessidade de reafirmar e renovar a luta pelo socialismo, que é a única saída progressista para a humanidade. O imperialismo está conduzindo o mundo à barbárie.

## Nacional

10) Um ano após o golpe jurídico-parlamentar que depôs o governo Dilma, o Brasil vive um dos momentos mais graves de sua história: crise econômica que ameaça levar o país ao terceiro ano de recessão, agravada por crises política e institucional agudas, com alto grau de imprevisibilidade.

11) Michel Temer foi denunciado pela Procuradoria Geral da República (PGR) por crime de corrupção e ainda deverá enfrentar acusações de obstrução de justiça e formação de quadrilha. Desmoralizado e sem legitimidade diante da população, aprovado por apenas 5% do povo, atingiu níveis inéditos de rejeição que ultrapassam os 70% (CNI/Ibope).

12) Contudo, o governo busca se sustentar a partir da implantação acelerada de um programa ultraliberal de privatizações e desnacionalização da economia, com reformas antipopulares e antissociais que apenas atendem os interesses do capital financeiro e de grandes grupos econômicos.

13) Dentre as primeiras medidas adotadas pelo governo ilegítimo, modificou-se a política de conteúdo local para a exploração do pré-sal e foi retirada da Petrobrás a garantia de operação em todos os campos e as concorrências privilegiam os conglomerados estrangeiros. Uma nova lei de terras passa a permitir que estrangeiros adquiram vastas porções de solo, em clara ameaça à soberania nacional.

14) A política externa brasileira sofre realinhamento aos interesses dos Estados Unidos, como se tem visto no retrocesso das relações com o Mercosul e na adoção de postura contrária ao governo venezuelano em suas questões internas. Sob a presidência de Temer, o Brasil se apequena e passa a ser tratado como pária em fóruns internacionais.

15) Os ataques do governo ilegítimo aos direitos dos trabalhadores têm sido profundos e desfiguram a própria Constituição de 1988. A aprovação da chamada PEC do Teto de Gastos compromete investimentos sociais pelos próximos 20 anos, ao passo que deixa intacta a grande parcela do orçamento carregada para o pagamento de juros. A lei que possibilita a terceirização irrestrita representa um enorme retrocesso nas relações de trabalho, uma vez que é provado que os terceirizados trabalham mais, ganham menos e ainda sofrem mais com acidentes.

16) A reforma trabalhista, com suas mais de cem alterações, desfigurou a CLT. Com o desemprego que grassa e atinge mais de 14 milhões de brasileiros, a reforma acaba com o que havia de garantias para o trabalhador. Abriu-se a porta para cortes de direitos históricos como férias e 13º salário ao se sobrepor o negociado ao legislado, além de se ter legalizado a precarização com o trabalho intermitente e até mesmo sujeitando gestantes e lactantes ao trabalho em local insalubre. A mesma lei contém um embrião de reforma sindical regressiva, que enfraquece os sindicatos através da asfixia financeira das entidades.

17) O pacote de maldades de Temer e seus aliados ainda prevê uma reforma da Previdência que impede, na prática, a aposentadoria de milhões de brasileiros ao instituir a idade mínima (62 para mulheres e 65 para homens) e um inatingível tempo de contribuição para que se obtenha o benefício integral (40 anos). Derrotar esta medida, que exige maioria constitucional para ser aprovada, pode ser uma grande vitória da luta da classe trabalhadora no último período.

18) O Brasil vive um momento delicado, de pós-golpe e deslegitimação da política. Faz parte do projeto do consórcio que orquestrou o golpe influir no processo eleitoral de 2018. Neste sentido, a condenação sem provas do ex-presidente Lula, visa impedir sua candidatura presidencial e deve ser repudiada pelos democratas.

19) Em meio a este cenário turbulento, crescentes parcelas da população despertam para a luta por direitos, contra as reformas e pelo restabelecimento da democracia via eleições diretas.

20) O desafio atual é conformar uma ampla frente que convirja em torno da defesa dos interesses da Nação, pelo desenvolvimento econômico, social e valorização do trabalho, contra as reformas que retiram direitos e pela democracia.

21) Acreditamos que só um novo governo legitimado pelo voto popular será capaz de recolocar o país no caminho do desenvolvimento e por fim à crise. Neste sentido, é dever patriótico e democrático ocupar as ruas do país para exigir o “Fora, Temer” e lutar contra as reformas e por “Diretas Já”.

### **Movimento Sindical**

22) O ano de 2017 tem sido marcado pelas intensas lutas dos trabalhadores em defesa de seus direitos, por democracia e contra as reformas nocivas de Michel Temer. A história brasileira mostra que os movimentos amplos e unitários sempre foram fundamentais para a obtenção de conquistas.

23) Por isso, o Fórum das Centrais Sindicais, ambiente que reúne todas as centrais e busca a construção de pautas unificadas, proporcionou a histórica e vitoriosa greve geral de 28 de abril, quando mais de 40 milhões de trabalhadores cruzaram os braços em todo o país. É importante registrar o papel fundamental que jogaram as categorias do setor de transporte, em particular os trabalhadores metroviários, para o êxito da greve.

24) Da mesma maneira, a Marcha Nacional de 24 de maio, quando mais de 150 mil pessoas ocuparam a capital federal, mostrou uma retomada na capacidade de mobilização dos trabalhadores.

25) Se as mobilizações não foram suficientes para derrotar a reforma trabalhista, ao menos demonstraram que o movimento sindical brasileiro tem força política, capacidade de resistência e maturidade para construir a unidade.

26) Já na greve de 30 de junho, mesmo com a ofensiva do governo na cooptação de setores importantes da Força Sindical e UGT, que enfraqueceu o movimento, principalmente em São Paulo, no restante do país a greve foi intensa e demonstrou a revolta contra as reformas.

27) A batalha contra a agenda regressiva e de retirada de direitos não terminou. É preciso prosseguir a luta, com mobilizações, pressão e capacidade de negociação, para mitigar os efeitos nefastos da reforma trabalhista e impedir que seja votada a Reforma da Previdência.

28) Para tanto as articulações em torno das Centrais Sindicais e da Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo como agentes fundamentais da organização do povo brasileiro para a resistência e o acúmulo de forças para a construção de um novo projeto nacional de desenvolvimento.

### **A situação do setor de transportes, as políticas de privatização e terceirização**

29) Com a implementação das políticas neoliberais, pós golpe, intensificaram-se os processos de privatização e terceirização em todos os setores econômicos. No setor de transporte não é diferente.

30) Intensifica-se o processo de estadualização, para posterior privatização nos Metrô administrados pelo governo federal. A CBTU e a Trensurb, pode estar com seus dias contados como operadoras de transporte metroferroviário.

31) Nos metrô administrados pelos estados, como São Paulo, Distrito Federal, Ceará e Piauí, a política de sucateamento, terceirização e privatização segue em passos largos e o principal argumento é o alto custo do Metrô Estatal. Desqualificam as empresas públicas e promovem seu sucateamento, para justificar sua privatização.

32) Ao mesmo tempo, os metrô privatizados como o do Rio de Janeiro e a linha 4 do metrô pau-

lista, além de não serem fiscalizados no cumprimento dos contratos de concessão, são agraciados permanentemente por revisões contratuais.

33) Por outro lado, do ponto de vista dos trabalhadores destas empresas, as relações de trabalho e os direitos sindicais e democráticos são desrespeitados cotidianamente.

34) Quando se volta para os outros modais de transporte a situação não é diferente. A CPTM que é a maior empresa ferroviária de transporte urbano, chegou ao cúmulo de tentar reduzir o salário de seus funcionários. Tem todo o setor de manutenção terceirizado e só não tem um plano arrojado de privatização, devido a ser uma empresa deficitária e por isso intensifica a entrega de suas atividades para a terceirização.

35) Neste cenário, a luta por um transporte público, estatal e de qualidade, ganha um sentido ainda mais necessário. É preciso combater os processos de sucateamento das empresas públicas e denunciar os interesses privados em detrimento dos interesses dos usuários de transporte. Por isso, é fundamental estreitar e estimular a organização dos usuários de transporte.

#### Balanço da Fenametro

36) No último período a Fenametro jogou papel importante na denúncia dos ataques que os trabalhadores sofreram, estimulando os Sindicatos a promover as lutas gerais contra as Reformas de Temer.

37) Foi extremamente positivo também, as relações internacionais estabelecidas com a participação ativa nos encontros promovidos pela UIS-Transporte e os metroviários de Buenos Aires e Santiago. A busca de uma interlocução maior com entidades internacionais, permitiu a realização exitosa, em conjunto com o Sindicato dos Metroviários de SP, do Encontro Internacional contra a Privatização.

38) No entanto, não conseguimos avançar, frente a conjuntura extremamente desfavorável, no projeto da regulamentação das jornadas de trabalho e nem na elaboração de iniciativas legislativas que pudessem favorecer a categoria.

39) Mesmo com a realização do Encontro específico sobre a Segurança Pública nos sistemas metroviários, não conseguimos dar consequência mais concreta nesta discussão nos estados.

## Tese 7

### Fora Temer e Fora Todos

*Assinam esta tese: SP: Celso, Altino, Raimundo, Julia, Mari, Marisa, Vania, Zé Carlos, Willian Martins, Carlão e Solange / RJ: Elias, Vanderlei e Valeria*

#### CONJUNTURA

Contra as Reformas, Privatizações e a guerra social contra os trabalhadores!

A puxada de tapete da Greve Geral por parte das cúpulas da Força Sindical, da CUT, CTB e da UGT teve, por trás, a negociação da reforma trabalhista e da operação “salva-corrupto”.

O PT, PCdoB estão na oposição parlamentar, mas não tem um projeto realmente contrário às reformas dos patrões, porque se propõe a governar com banqueiros e empresários. Tanto que

Lula já disse: “seria falso dizer que eu vou anular tudo”, referindo-se às reformas de Temer e à possibilidade de se eleger em 2018. Basta dizer que Meirelles, atual ministro da Fazenda, foi ministro de Lula. O PT prefere que Temer faça o trabalho sujo, aprove as reformas para tentar voltar a governar em 2018 com elas já feitas.

Perante a crise, a receita da burguesia é avançar na guerra social contra os trabalhadores. Dilma começou a aplicar a reforma cortando o PIS e o seguro-desemprego. Temer continua com as reformas que os banqueiros e empresários querem: cortam nossos direitos e aposentadorias .

O pagamento dos juros mais altos do mundo aumenta a dívida pública e vem junto o corte nos gastos sociais, desvio de verbas da saúde, educação, transporte público e a Reforma da Previdência. O pagamento da dívida é um roubo ainda maior do que a corrupção e assim os banqueiros levam metade do orçamento do país.

Esse dinheiro, segundo números da Auditoria Cidadã da Dívida, correspondente a 17,5% do valor do PIB (tudo que é produzido no Brasil). Mas ninguém vê o governo, a televisão, nem mesmo o PT denunciando que a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), que manda economizar dinheiro da saúde, da educação, transporte público e da aposentadoria, muito menos propondo parar de pagar a dívida.

### **Guerra contra os de cima**

Mas nós podemos derrotar os de cima organizando os de baixo. Precisamos tirar lições dessa traição e organizar, pela base das categorias, uma alternativa às cúpulas dessas centrais. Devemos exigir que os sindicatos enfrentem as direções das centrais e organizem a luta unificada para impedir a aplicação da reforma trabalhista.

Podemos unificar setores importantes da classe trabalhadora e não permitir a retirada de nenhum direito dos contratos coletivos. É necessário e possível, também, uma Greve Geral de 48 horas para derrotar também a reforma da Previdência e botar abaixo Temer e todos eles!

Precisamos debater um projeto dos trabalhadores, independente dos patrões e dos banqueiros. Um projeto que garanta os direitos e uma vida digna para a classe trabalhadora e o povo pobre. Que enfrente banqueiros, empresários e latifundiários, construir na luta um governo socialista dos trabalhadores, que governe em Conselhos Populares. Um governo que suspenda o pagamento da dívida aos banqueiros; exproprie e estatize as empresas corruptas, como os metrô, e as coloque sob controle dos trabalhadores; estatize e coloque sob controle dos trabalhadores o sistema financeiro; entre outras medidas.

- Fora Temer Fora Todos
- Que os ricos paguem a conta da crise!
- Greve Geral 48hs para barrar as contrarreformas
- Contra as reformas trabalhista e previdenciárias
- Anulação da lei de terceirização
- Prisão dos corruptos e corruptores com confisco dos bens, expropriação e estatização de todas as empresas envolvidas em corrupção, sob o controle dos/as trabalhadores/as.

### **Organiza a Luta Contra Todas as Privatizações**

As privatizações tiveram seu início com um pouco mais de força no Governo Collor quando esse dizia que iria caçar os marajás e vender as estatais para poder investir no país, entre as privatizações ele vendeu a Usiminas beneficiando o Grupo Gerdau, logo depois Governo Itamar (PMDB) fez a Privatização da CSN e a Embraer entre outras empresas, em 1995 FHC (PSDB) assume a presidência continuando o discurso de privatizações entregou a Telebrás, Vale Rio Doce, Eletropaulo entre outras empresas, privatizações que começam a usar o dinheiro do BNDES(financiava a venda das empresas).

Para surpresa de muitos trabalhadores as Privatizações não pararam no Governo Lula nem no de Dilma, Lula (PT) privatizou várias estradas assim como Banco do Estado do Ceará e o do Maranhão, Dilma aumentou as privatizações do setor de transporte, não só continuando com a privatização das Estradas, Ferrovias e Aeroportos.

Governo Dilma (PT) tinha planejado a privatização do METRO PE. BH e Porto Alegre onde se teve e tem muita luta dos companheiros desses sindicatos e da categoria e apoio da FENAMETRO, vale ressaltar que esta Luta continua forte já que Temer (PMDB) continua com o projeto de privatizações.

Em SP Alckmin (PSDB) ataca os Metroviários por todos os lados, Terceirização e Privatização são palavras na ordem do dia, a categoria organizou e organiza várias lutas inclusive com greves

Privatização é doar as empresas para os Grande Empresários que são os mesmos que financiam as campanhas da maioria dos Partidos, e uma troca de favor, empreiteiras e bancos como ODEBRECHS, OAS, ITAU, BRADESCO entre outros estão por trás das privatizações que ocorrem. Isso resulta em mais lucros para os empresários, e quem paga por isso somos nós trabalhadores, desde o aumento nos preços até a corrupção que tira dinheiro da saúde educação entre outros para encher o bolso dos sangues sugas dos Empresários.

### **Resolução**

- Contra toda e qualquer Privatização
- Lutar contra todo e qualquer Governo que Privatize
- Lutar por Metro Público Estatal e de Qualidade
- Tarifa Zero

### **Balanço da Greve Geral e a Necessidade de Construir outra Greve Geral de 48hs**

Passado o dia de 30 de junho, segue a tarefa: “Ou param as reformas ou paramos o Brasil de novo!”

Em inúmeras cidades brasileiras ocorreram manifestações e greves na sexta-feira, 30 de junho. Piquetes, bloqueios de estradas, assembleias e atos públicos se espalharam por diversas regiões do país em protesto contra as reformas Trabalhista, Previdenciária e a lei da terceirização. A palavra de ordem “Fora Temer!”, mais uma vez, pode ser ouvida aos “quatro cantos”.

Para nós, da CSP-Conlutas, essas greves e protestos mostraram que os trabalhadores brasileiros seguem com disposição e podem derrotar as reformas e botar pra fora Temer e todos os corruptos do Congresso Nacional. Insistimos em denunciar que esse dia 30, inclusive, poderia ter sido muito maior se não fosse o papel de alguns dirigentes de outras centrais sindicais que, além de não mobilizarem com antecedência suas bases, na última hora ainda fizeram questão de anunciar que “não se tratava de uma Greve Geral”, ou seja, trataram de tentar desmontar a greve.

Nosso povo tem lutado muito contra os governos, empresários, banqueiros, latifundiários e no rechaço às medidas de ataques aos direitos trabalhistas e previdenciários, aos cortes nos investimentos nas áreas sociais e em defesa do emprego. Os trabalhadores, trabalhadoras e o povo pobre em geral têm se mostrado à frente das direções tradicionais do movimento e das organizações de massas em suas ações.

É um escândalo que, no momento em que avançam as denúncias de corrupção e a tramitação de contrarreformas, como a trabalhista, tenhamos assistido a uma postura de desmonte da Greve Geral .

Será nas greves, nas ruas e nas mobilizações unitárias de nossa classe que poderemos derubar esse governo, por fim as suas reformas e construir uma alternativa de governo da nossa classe e para a nossa classe. Esse é o caminho!

Desse último dia 30 precisamos tirar muitas lições e uma delas é que não podemos tolerar negociatas com esse governo e esse Congresso corruptos.

Direitos históricos de nossa classe estão ameaçados e o desemprego aflige mais de 20 milhões de trabalhadores e trabalhadoras. Enquanto isso, eles continuam remetendo metade do orçamento do país para o pagamento de juros e serviço da Dívida Pública aos banqueiros.

A tarefa que se impõe é de nossa ação direta, portanto, é a de um chamado unitário para uma nova Greve Geral e que seja de 48hs!

Também é preciso que na construção de nossa luta não venham a dar espaço para manobras que visem desviar os rumos de nossas ações para “acordos de gabinete”, onde, para preservar aparatos, direitos dos(as) trabalhadores(as) são negociados. Precisamos manter firme a constru-

ção de uma alternativa da classe trabalhadora, não aceitando repetir os erros da direção do PT e da conciliação de classes.

A situação política e o ascenso que temos vivido nos trouxeram até o levante da maior Greve Geral que nosso país já vivenciou nas últimas décadas, no último dia 28 de abril. Foi com o acúmulo da paralisação nacional metalúrgica do ano passado, da força internacional do último 8 de março, de nossas ações nos dias 15 e 31 de março e do “Ocupa Brasília”, que convocamos a Greve Geral do último dia 30. Apesar de alguns dirigentes que boicotaram a mobilização tivemos um grande dia nacional de lutas, com manifestações e greves.

É pela necessidade objetiva de nossa classe e a demonstração de sua disposição de lutar que não podemos vacilar. Temos de seguir a unidade e o enfrentamento para derrotar, de vez, as reformas e por esse governo abaixo.

### **Balanço da participação da Fenametro na Greve Geral**

A Direção da Fenametro votou participação na Greve Geral indicando aos seus sindicatos paralisarem os serviços no dia 30 junho, junto com isso fizemos materiais chamando a necessidade de se construir uma greve geral explicando a população e ao povo que usa os nossos serviços do porque de paralisarmos e porque deveríamos parar o país nesse dia. Participamos de várias atividades pelo país construindo a Greve Geral Quando as Centrais tiveram dúvida no rumo do que fazer a direção da FENAMETRO, não teve dúvida, fez duas Cartas enviadas aos Presidentes e Secretários Gerais de todas as Centrais reafirmando a posição dos Metroviários de parar o dia 30 junho.

Infelizmente a CUT e a CTB em SP fizeram um papelão de defenderem CONTRA a participação dos Metroviários na Greve Geral, mesmo com todas as dificuldades nós da CSP achamos um erro, e defendemos a participação da categoria. É verdade que muita gente da categoria estava com receio ou até mesmo contra participar da greve, mas a categoria de SP sempre acata o chamado da direção do sindicato e mais ainda de respeitar a posição votada na assembleia.

Essa posição da CUT e da CTB fortaleceu Alckmin que após essa data aumentou os ataques aos Metroviário inclusive começando a Terceirização das Bilheterias e já avisando que dia 01/08 começaria uma reestruturação na manutenção inclusive com terceirização

### **Balanço da Fenametro**

Na nossa opinião a Fenametro nesses 3 anos cresceu sua participação na luta política, dentro da diretoria as divergências existiram, o que é normal, mais como um todo atuamos de uma forma firme na luta da categoria metroviária e da classe trabalhadora. Nunca se teve tanta democracia na direção da Fenametro, quase todos os diretores puderam representar a Federação fora do seu estado.

A prioridade financeira foi para a Luta de Classes, seja com participação efetiva assim como investimento no que se trata de imprensa, contratação de uma jornalista para que tivéssemos mas efetivação com matérias impressos e nas redes sociais

Participamos de todas as atividades da luta dos trabalhadores, podemos citar as ocupações dos estudantes em SP e no RJ, nos dias 8 de março, em toda as atividades Contra as Privatizações, nas lutas contra as Reformas de temer e recentemente nas Greves Geral Fenametro organizou acertadamente o Encontro Internacional dos Trabalhadores do Setor de Transporte onde se trocou experiência sobre a luta dos Trabalhadores no mundo. Enviamos e recebemos várias moções de apoio as lutas dos trabalhadores em todo o canto do Mundo.

Temos a opinião que devemos politizar mais a direção da Fenametro com algumas palestras cursos e ou debates sobre temas políticos. Temos também como parte negativa:

\* falhamos na conversa com os sindicatos de PE e RGN porque não enfrentamos o debate político como deveríamos, acertamos essa linha mais para fim do mandato nas conversa com PE e achamos que podemos e devemos procurar e aprofundar a conversa com RGN

# Tese 8

## Tese do Movimento Nossa Classe - Metroviários de SP

*Assinam esta tese os delegados: Guarnieri, Daphne e Marília*

### 1- Conjuntura internacional

Nas primeiras décadas do século XX, Antônio Gramsci teorizava que o fracasso de um “grande empreendimento” da classe dominante podia abrir um período de crise orgânica, ou seja, um período que coloca em primeiro plano as contradições fundamentais do capitalismo e que não podem ser resolvidos através dos arranjos políticos já estabelecidos.

A crise econômica mundial que iniciou-se em 2008 significou justamente a quebra do “grande empreendimento” que a burguesia mundial, com os EUA a frente, tentou implementar após a queda da URSS através da restauração burguesa. A partir da crise foi surgindo um intenso processo de polarização social e político, apresentando elementos de crise orgânica em diversos países.

Uma amostra disso é a crise do bipartidarismo nos EUA, que culminou na eleição de Donald Trump. Trump tornou-se um símbolo de conservadorismo extremo. Outros exemplos dessa tendência é a eleição de governos de extrema direita na Europa, como na Polônia e na Hungria, e a expressiva votação dos partidos de extrema direita na França e na Holanda e, ainda mais importante, a saída do Reino Unido da UE, no chamado Brexit.

No caso da América Latina, o fim do ciclo de crescimento levou a crise dos partidos de conciliação de classes como o Chavismo na Venezuela, o Kirchnerismo na Argentina e o Petismo, todos governos de desvio das grandes mobilizações de massas que atravessaram o subcontinente. Acompanhado com um realinhamento mais a direita no continente, como o empresário Macri na Argentina, ou Temer a partir do golpe institucional no Brasil.

Essa polarização não tende apenas a direita conservadora, mas também abre um espaço para alternativas à esquerda dos tradicionais partidos reformistas, que ficaram completamente desmoralizados após deixarem explícito seu comprometimento com a manutenção da democracia dos ricos a partir da crise de 2008. Entretanto, esse espaço pela esquerda vem sendo capitalizado, em sua maioria, por partidos neo-reformistas, como o Podemos no Estado espanhol, o Syriza na Grécia, ou o fenômeno Sanders nos EUA. Esse neo-reformismo repete os erros do reformismo clássico e renegam a independência de classe enquanto princípio e defendem a organização de partidos amplos.

Nesse sentido, se reafirma a necessidade de construir uma alternativa política que defenda a independência política dos trabalhadores, como é o caso da experiência da FIT na Argentina, uma frente de esquerda que mostra que é possível ganhar peso social real, através de um programa anti capitalista baseado na independência política dos trabalhadores, conseguindo fazer a diferença nos processos da luta de classes que se abrem.

### 2- Conjuntura Nacional

A etapa da luta de classes aberta com as jornadas de junho de 2013 abriu um período de crise orgânica no Brasil, o que levou a um imenso rechaço da população aos partidos políticos tradicionais, a casta política e todo o arranjo institucional que garante a dominação burguesa no Brasil desde o fim da ditadura militar.

Nesse marco surge uma divisão entre os de cima sobre como recompor sua hegemonia após a falência do projeto burguês de país que representou o Lulismo. Dilma e o PT não foram derrubados pela força da classe trabalhadora, mas por um golpe e institucional que levou Michel Temer ao poder com o objetivo de aprofundar reformas mais profundas aos trabalhadores, fortalecendo uma série de instituições reacionárias, como o Judiciário, a Polícia Federal e a Operação Lava-Jato de conjunto, substituindo a corrupção petista por um sistema igualmente corrupto, mas mais diretamente subordinado aos interesses burgueses.

A resistência da classe trabalhadora com seus métodos de luta como a paralisação de 15/03

e a greve geral de 28/04, apesar da contenção das suas principais direções, somada as divisões entre as classes dominantes sobre como avançar nos ataques criou uma situação onde é necessário dar uma resposta a crise política do país baseada na independência de classe.

Neste processo, com o PT se realocizando na direção do movimento de massas, grande parte da esquerda seguiu a manobra petista de colocar centro na consigna de “Diretas Já”, se adaptando a esta linha do PT de campanha eleitoral rumo a 2018, fortalecendo Lula como candidato e pra isso criando uma frente ampla pelas Diretas Já, que incluí partidos burgueses. Esta adaptação foi acompanhada de um silêncio ensurdecedor de grande parte da esquerda a traição grandes centrais sindicais como a Força Sindical, mas também a conivência e boicote da CUT e a CTB no último chamado a greve geral do dia 30/06.

Diante a ameaça de uma saída reacionária para a crise através da manutenção do governo Temer ou pela via de uma eleição indireta com um “golpe dentro do golpe”, não adianta mudar apenas os jogadores, devemos mudar as regras do jogo. Por isso, propomos que o Congresso da Fenametro levante uma exigência as principais centrais sindicais da convocação de uma Assembleia Constituinte Livre e Soberana, imposta pela força da mobilização, para que os trabalhadores possam assumir o protagonismo da cena política e dar uma saída de fundos aos problemas mais candentes do país.

### 3-) Plano de lutas

No atual momento da situação nacional, qualquer plano de lutas sério deve ter como foco central o combate as reformas e ao governo Temer, que busca implementá-las.

A posição frente ao golpe institucional em 2016, que dividiu águas na esquerda brasileira, permaneceu sendo um fator importante já que a enorme ofensiva do governo golpista para aplicação das reformas é resultado do próprio golpe, que tinha como objetivo aumentar os ataques que o PT já vinha fazendo.

Nesse cenário, os trabalhadores e o povo oprimido se levantaram contra as Reformas, impondo às direções oficiais uma mobilização real e colocando na ordem do dia a tática de frente única operária, exigindo organização desde a base pra construir uma greve geral efetiva até derrubar Temer e todas as reformas.

Entretanto, mais uma vez a descarada traição e boicote das centrais sindicais, especialmente da Força Sindical, da CUT e da CTB, foi decisiva para conter os ânimos das massas e impedir que essas derrubassem as reformas e o próprio Temer, que ficou ameaçado no espaço entre as duas greves gerais.

Enquanto a Força Sindical negocia o imposto sindical com o governo, de costas pra classe trabalhadora, a CUT e a CTB dizem ser contra qualquer negociação, mas boicotam as medidas de luta, não convocaram sequer uma manifestação após a aprovação da reforma trabalhista e vem substituindo a luta contra as reformas pela campanha das Diretas Já. Em um momento de intensa polarização política e social, a traição das centrais sindicais, a aprovação da reforma trabalhista e a política do PT de desmontar a greve geral do dia 30 pra garantir uma boa campanha eleitoral pra Lula mais uma vez abriram espaço para uma calma que Temer aproveitou para se manter no governo.

Por isso, defendemos que o congresso da Fenametro exija das principais centrais sindicais a construção de um plano de luta concreto e uma nova greve geral contra as reforma e contra Temer, uma greve geral que seja construída através de comitês de base contra as reformas, os organismos fundamentais para que os trabalhadores se coloquem como sujeitos na luta e possam eles decidirem os rumos da luta. Esses comitês devem ser construídos e incentivados pelo conjunto da esquerda de forma decidida com o PSOL e as centrais sindicais da esquerda como a CSP-Conlutas e a Intersindical, colocando toda sua força material, parlamentares, espaço de TV a serviço dessa construção.

### 4-) Movimento sindical

No último mês os trabalhadores argentinos deram um importante exemplo para o movimento sindical, através da luta na fábrica da PepsiCo, em Buenos Aires. Um exemplo que mostra

como é possível transformar uma luta aparentemente sindical em uma grande batalha política, que sirva para colocar a luta dos trabalhadores em evidência e com isso impedir os ataques da burguesia.

No dia 20/06, 600 trabalhadores foram comunicados de sua demissão através de um recado na porta da fábrica e foram impedidos de entrar na mesma, uma vez que os dirigentes da multinacional já temiam a ocupação da fábrica. Essa manobra não bastou, pois seis dias depois os trabalhadores ocuparam a fábrica, dispostos a impedir seu fechamento.

Ainda assim, os trabalhadores e trabalhadoras da PepsiCo mantiveram a ocupação e suas reivindicações e no dia 13/07, a luta de PepsiCo tomou outra escala, quando depois de uma tensa madrugada com um enorme operativo da polícia cercando a fábrica, a polícia invade pela manhã para forçar a desocupação, reprimindo primeiramente os estudantes, organizações de direitos humanos, advogados e defensores dos trabalhadores que formaram um cerco humano na porta da fábrica.

Durante horas, diversos canais da televisão aberta argentina são obrigados a noticiar a brutalidade da polícia contra os trabalhadores, criando um grande mal-estar político para o governo Macri e a governadora Eugenia Vidal (Buenos Aires), ligada a ele. O próprio Macri ordenou a repressão, segundo confirmou a imprensa argentina. A partir daí teve peso decisivo a participação da Frente de Esquerda dos Trabalhadores (FIT) e, especialmente, do PTS, que colocaram toda sua força para defender os trabalhadores da PepsiCo, denunciando a burocracia sindical e suas negociações com a patronal e exigindo que colocasse todo o seu aparato para atrair o máximo de atenção para aquela luta.

Com isso a luta da PepsiCo se tornou uma questão nacional na Argentina, com um ato com cerca de 30 mil pessoas em apoio aos trabalhadores e a mídia discutindo incessantemente a questão, fazendo com que o governo ficasse na defensiva com seus ataques, retardando a reforma trabalhista que Macri planejava colocar em prática, inspirada nas reformas de Temer.

O exemplo de PepsiCo deve servir para contagiar os trabalhadores com uma nova tradição, de luta contra as demissões, contra a precarização dos trabalhadores, pela efetivação dos terceirizados e atacando o lucro da patronal. Um exemplo para que todos os trabalhadores brasileiros devem seguir para derrotar as reformas de Temer. Uma tradição que liga intimamente a auto-organização dos trabalhadores com os métodos de sua classe, junto a um programa que imponha que os capitalistas paguem pela crise. Propomos que o Congresso da Fenametro levante uma campanha em todos os seus sindicatos de solidariedade as operárias e operários da Pepsico na Argentina, aderindo a campanha de boicote aos produtos da multinacional, denunciando a repressão de Macri e exigindo a reintegração imediata dos trabalhadores.

### **5-) Situação de Transportes, as políticas de privatização e terceirização.**

- Por uma campanha contra a privatização e terceirização dos transportes construindo uma greve unificada de todos os sindicatos da Fenametro nas bases de cada categoria. Fazer essa campanha junto com a população, denunciando os escândalos de corrupção que são o alicerce principal dessas políticas dos principais partidos PSDB, PMDB, PT. Atacando os lucros do capitalistas e tirando o controle dos transportes das mão do governo, exigindo a estatização de todo o transporte sob controle dos trabalhadores e usuários.

- Temos que combater a terceirização na malha metro-ferroviária, ao mesmo tempo em que lutamos pela efetivação dos terceirizados com os mesmos direitos e salário que os efetivos. Nas empresas públicas, essa efetivação deve se dar sem necessidade de concurso, já que os terceirizados já comprovam todos os dias que estão aptos para o trabalho.

- A Fenametro deve fazer uma campanha em todos os sindicatos denunciando os programas de estágio como o Jovem Aprendiz a serviço de precarizar a malha metro-ferroviária, aumentando a super exploração de trabalho em condições mais precárias da juventude. Os sindicatos da Fenametro devem fazer campanhas pela sindicalização dos jovens aprendizes, defendendo sua efetivação como trabalhadores metro-ferroviários com os mesmos salários e benefícios.

# Contribuições

## Sindical

### Liberdade e Autonomia Sindical

*Contribuição de Eduardo Alves Pacheco*

A aprovação da Reforma Trabalhista e do projeto de Terceirização, já sancionados pelo presidente de plantão, representou um duro golpe ao movimento sindical. Os projetos aprovados refletem diretamente o poder e a pressão do capital com o apoio e financiamento ao golpe que tirou uma presidente legitimamente eleita.

Na terceirização foi abolida a diferença entre atividade fim e atividade meio, podendo ser terceirizada toda e qualquer etapa de produção, bem como TODAS AS ETAPAS DE PRODUÇÃO. A Reforma Trabalhista foi muito além nesse desastre: a reforma extingue garantias constitucionais, cerceia a organização sindical de base e limita o acesso do trabalhador a justiça do trabalho, imputando a ele inclusive o pagamento de despesas advocatícias quando da perda de ações.

A aprovação da Reforma Trabalhista pelo Senado sem destaques, conforme desejava o ilegítimo Michel Temer (PMDB), mostra que, além de servir aos patrões, o golpe tinha como objetivo colocar a faca no pescoço das centrais sindicais para diminuir a combatividade na proteção dos direitos da classe trabalhadora.

Algumas Centrais Sindicais ainda insistem em reverter somente o fim do imposto sindical, mantendo o modelo atual onde o sindicato sequer precisa de associado, bastando simplesmente seu registro cartorial junto ao Ministério do Trabalho e Emprego. Apesar de historicamente ser contra o imposto, a CUT não concorda em discutir o fim da cobrança desta forma, muito menos com um governo ilegítimo e sem qualquer respaldo popular.

O que Temer e os empresários querem fazer é enfraquecer o movimento sindical, alegando que ele existe só com por causa dos recursos públicos e que sindicato não é importante para a vida do trabalhador. Duas afirmações mentirosas. Primeiro não é verdade que os recursos são públicos, são dos trabalhadores. Segundo, sem sindicatos os trabalhadores ficarão à mercê dos patrões, pois prevê que os trabalhadores podem negociar sozinhos, sem apoio do sindicato da categoria, demissões e férias, entre outros itens.

Esse imposto tem de acabar, mas não nesse governo, disse o presidente da CUT Wagner Freitas. Essa cobrança não ajuda na renovação nem na construção de um sindicalismo mais independente, mas para discutir o tema é preciso eleger democraticamente um presidente da República, renovar o Congresso Nacional e debater o tema com a sociedade.

Nós defendemos a substituição do imposto por uma contribuição negocial, aprovada pelos trabalhadores em assembleia, com piso e teto definidos e que, para existir, tenha transparência nas contas, com realização de assembleias de prestação de contas, previsão orçamentária e que os trabalhadores tenham acesso total as contas da entidade.

A CUT pode sobreviver sem a cobrança do Imposto Sindical, mas precisamos resgatar a democracia legítima onde os trabalhadores definam sua forma de organização e sua base, sem tutela de nenhum outro órgão e garantindo o livre direito de manifestação, principalmente a Greve.

# As políticas de privatização e terceirização

## Terceirização e Privatização

*Contribuição de Alex Santana*

Há alguns anos os metroviários lutam de forma mais intensa contra as privatizações e terceirizações.

Ainda no governo Dilma (PT), os Metrô de vários estados foram ameaçados de privatização, assim como em SP pelo Alckmin (PSDB). Agora no governo Temer (PMDB) essa intenção foi ampliada para outros Metrô, outros setores e de forma acelerada tenta-se impor isso como realidade.

Em alguns estados já havia sido praticada a terceirização de algumas áreas e, com muita disposição de luta venceram essa batalha. No entanto, com a aprovação da lei da terceirização irrestrita, da reforma trabalhista e outras maldades, essas assombrações estão voltando com força.

A exemplo disso, em SP estão sendo terceirizadas as bilheterias, há processo em andamento para terceirizar diversos setores da manutenção, há previsão de privatização das linhas 5 e 17 em setembro, lançamento de edital em agosto para privatizar a linha 15 e em 2018 a linha 2, ou seja, se não houver forte resistência a categoria será extinta.

Tendo em vista que em diversos setores a privatização e a terceirização estão virando realidade, precisamos urgentemente organizar mobilizações de grande repercussão nacional para revogar a lei da terceirização, a reforma trabalhista, a PEC do Teto e derrubar Temer e todos os corruptos para que barremos essa política entreguista.

Mas enquanto essa organização geral não se concretiza, temos que fazer todo o esforço possível em cada local para demonstrar resistência e disposição de luta. As mobilizações devem ser realizadas de todas as formas possíveis, seja manifestações, catracas livres e com certeza com muita greve.

Temos como exemplo o que ocorreu no RJ após a privatização. Prestação de serviço muito abaixo do ideal devido às péssimas condições de trabalho, tarifas altíssimas, menor salário metroviário do país, entre outros problemas. Tudo isso em prol do lucro dos grandes empresários que são agraciados pelos sucessivos governos corruptos.

Para evitar que isso ocorra por todo o país, a Fenametro deve organizar uma grande greve nacional dos metroviários dando início a uma grande luta que deverá se transformar em novas greves gerais.

A Fenametro deve gritar Não à Privatização, Não à Terceirização, Não às Reformas de Temer e Sim para Mais Investimentos, Sim para Mais expansões, Sim para Mais contratações, Sim para Mais segurança. Para isso tudo se concretizar temos que lutar muito e dizer Fora Temer e todos os corruptos e corruptores, pois para barrarmos essa política que está sendo imposta aos trabalhadores não podemos deixar pedra sobre pedra.

## Descaso com o sistema metroviário

*Contribuição de Goreth Brandão PI, Genilson Lopes PI, Celso Borba SP, Elias Alfredo RJ e Altino SP*

O metrô de Teresina (PI) passa pelas mesmas dificuldades enfrentadas pelo sistema metroviário no país como um todo. O descaso com esse tipo de transporte é visível pela ausência cada vez maior de investimentos, que compromete a própria segurança dos passageiros.

Faltam equipamentos, peças de reposição e profissionais suficientes para atender a demanda, incluindo as equipes de manutenção, o que, sem dúvida, aumenta os riscos de acidentes.

Uma Pesquisa da Confederação Nacional do Transporte (CNT), realizada em dezembro de

2016, revelou que o metrô de Teresina é o menos utilizado entre as dezesseis cidades que contam com o transporte sobre trilhos, mantendo uma média de 6 mil passageiros por dia útil. Um número insignificante para uma cidade com uma população de aproximadamente 850 mil habitantes.

O mesmo estudo aponta que o Brasil possui apenas 1.062 km de linhas de metrô e passageiros, nas 13 regiões metropolitanas atendidas pelo sistema, todas elas com populações de mais de 20 milhões de pessoas.

Além disso, a malha ferroviária brasileira está quase toda concentrada na Região Sudeste, sobretudo em São Paulo e Rio de Janeiro, que detém mais de 60% do sistema de trilhos do país.

O relatório também revelou que, enquanto a frota de transporte individual cresceu 24,5% em cinco anos, investimentos nos Metros aumentaram somente 6,7%.

Com a gravidade da crise econômica, a situação tornou-se ainda mais grave, considerando que faltam recursos até mesmo para os serviços básicos, sem os quais, não será possível atender à população.

Esse quadro confirma que estamos longe de obter um transporte público de qualidade, o que só será possível com a ampliação da infraestrutura e o planejamento adequado do transporte sobre trilhos, sempre integrado ao sistema de ônibus.

Sem isso, o país jamais será capaz de resolver os problemas de mobilidade urbana, vivenciados pelas médias e grandes cidades brasileiras.

O Sistema ferroviário encontra-se em pleno descaso perante os órgãos estaduais, o qual está proporcionando uma intensificação proposital rumo ao sucateamento. Tendo como “meio de solução” a proposta de privatização do setor metroviário em questão.

O descaso vem sendo percebido e imposto gradativamente com o passar dos anos, notando o fato da redução gradativa dos funcionários, sendo destacado que a grade de funcionários correspondia aproximadamente a cerca de 130 funcionários, e hoje para o mesmo estar funcionando está operando com aproximadamente 60 funcionários, acarretando um acúmulo de função.

Especulações indicam que uma contra proposta governamental propõe uma “maquiagem” no setor, com a finalidade de privatizar o mesmo. Oferecendo a possibilidade de compra de novos trens, porém não reestruturando a base como um todo, que seriam o investimento também em funcionários e uma gestão séria e eficaz para proporcionar uma função correta e coerente do sistema que tem um vasto campo lucrativo a ser explorado.

- Em defesa do Metro Público Estatal de Qualidade
- Investimento do Estado já
- Concurso Público
- Expansão já

## **Lutar contra as privatizações/reestatizar é o caminho!**

*Contribuição de Elias RJ, Vanderlei RJ, Raimundo SP, Marisa SP, Celso SP, Júlia SP, Vânia SP e Mari SP*

O ano de 2013 demarcou um novo signo político no Brasil, tendo como centro desta nova realidade política, a questão dos transportes público e seus custos. Não era só por 20 centavos.

As mobilizações de massas ocorridas em 2013, trouxe a baila toda uma discussão acerca, dos problemas dos transportes públicos e suas consequências, para o conjunto da Classe Trabalhadora, a juventude e o povo pobre desse país.

O que para nós trabalhadores do setor de transportes Metroferroviário já era um fato, o levante de 2013, expôs essa brutal realidade, que estão submetidos nosso povo.

Exercer o simples direito de ir e vir de casa para o trabalho e vice versa, é muito caro neste país, por tudo são milhões de trabalhadores(as), se quer conseguem, retornar aos seus lares, ao logo da semana e acabam ficando no meio do caminho

Os altos custos das tarifas públicas dos transportes Barca Ônibus, Trens e Metro, impõe se-

veras dificuldades sobre as populações usuárias desses sistemas, o que resulta no impedimento de mobilidade urbana nas variadas partes do país.

Nos últimos anos temos vivenciado uma profunda ofensiva dos governos, em levar a cabo suas políticas de Privatizações do setor de transportes, iniciada no Collor e levado a cabo nos governos de FHC, Lula e Dilma, onde o setor de transportes não escapou das privatizações.

A experiência mais categórica ocorreu no estado do RJ, com as privatizações e concessões dos setores, de Trens, Barcas e Metrô.

No caso mas específico metroferroviário, vimos, primeiramente as demissões em massa, aumento das tarifas, redução drástica do número de trabalhadores(as), queda na qualidade do atendimento dos serviços, rotatividade da mão de obra, aumento do número de acidentes (inclusive fatais), implementação de políticas contra a liberdade sindical inclusive demissões de dirigentes sindicais. Além de todas essas cargas negativas, assistimos e constatamos, a política de corrupção implementada, pelos setores empresariais e governamentais sobre estes setores.

As concessões/Privatizações dos transportes públicos no RJ, tem sido o maior exemplo do crime político, que essas ações produzem, e pois a baila toda promiscuidade política, econômica e jurídica, implementada por governos, empresários e banqueiros, pois o estado vergonhosamente continuou a pagar os custos com a manutenção e a expansão do sistema e do Metro.

Resultando em transações superfaturadas, seja nas compras de novas composições, seja nas obras de estações, como ocorreu nas obras do Metrô Linha 4, Ipanema/Barra, onde foram gastos Bilhões de Reais, envolvendo a Empresa Estatal Riotrilhos, a corrupta empreiteira Odebrechet, o Consorcio Barra e Ivepar (Fundos de Pensões, Previ/Petros/Funcef e OAS), sendo os custos dessas obras, o KM de malha Metroferroviária mais caras do planeta.

- Reestatização de todas Empresas Privatizadas e do Setor de Transporte já
- Metro Público Estatal de qualidade
- Tarifa zero

## **Combate às opressões: Mulheres, LGBTs, Negras e Negros**

### **Mulheres na luta contra as reformas e o machismo**

*Contribuição de Solange Moreno – operadora de estação no metrô de São Paulo e secretária de mulheres da FENAMETRO, Ana Paula – metroviária de Porto Alegre e diretora da FENAMETRO; Valéria Cristina – operadora de trem no metrô Rio e diretora da FENAMETRO, Maridalva – operadora de trem e diretora sindicato dos metroviários de São Paulo; Vânia Maria – funcionária de estação e diretora do sindicato dos metroviários de São Paulo; Monique Viana – funcionária de estação e diretora do sindicato dos metroviários de São Paulo; Gorete – Metroviária do Piauí; Marisa – operadora de trem metroviária de São Paulo; Júlia Paz – segurança metroviária de São Paulo e Mariana Santos (Mari Toalha) – funcionária de estação metroviária de São Paulo*

O machismo tem vitimado mulheres no mundo todo e tem sido uma forte arma da burguesia para dividir a classe trabalhadora. As reformas de ajuste, as políticas de terceirização e privatização dos governos federal e estaduais tem atacado os direitos de toda a classe trabalhadora, mas as mulheres, negros/negras e LGBTs são atacados mais duramente, por isso nos colocamos contra as reformas e contra os governos e o congresso que as implementam. Fora Temer e todos corruptos!

Estamos juntas com toda a classe trabalhadora na luta contra as reformas e contra todos os governos que retiram direitos, organizando movimentos nacionais, greves gerais para barrar esses ataques.

Hoje as mulheres são quase metade da força de trabalho no mundo. Na categoria metroviária, apesar de um pequeno aumento de mulheres isso não tem se refletido em cargos de chefia. A proporção de mulheres só é maior nos piores postos e menos remunerados. Principalmente na limpeza e em São Paulo na venda terceirizada de bilhetes.

O machismo subordina as mulheres a uma suposta superioridade do homem, na realidade isso se reflete em diferenças salariais, postos de trabalho precarizados, trabalho doméstico e a violência, dividindo a classe trabalhadora, o que só favorece quem nos explora.

Vivemos uma epidemia de violência contra as mulheres. O Brasil está em 5º lugar no ranking de violência contra as mulheres, isso se reflete no assédio moral e sexual que sofremos todos os dias em casa, na rua, no transporte e no trabalho.

Nossas campanhas e nossa cartilha contra o assédio tiveram muita repercussão e precisamos intensificar tanto a campanha contra o assédio moral e sexual no trabalho, quanto a campanha contra o assédio sexual nos transportes.

## No meio sindical

O machismo é um dos fatores que mais afeta as mulheres da militância sindical. Além de ter pouco tempo devido a ser a principal responsável pelas tarefas do lar. Quando consegue participar das atividades sindicais se depara com opressores piores do que lida no dia a dia. Machistas militantes que se utilizam disso como forma de subjugar as mulheres. Infelizmente essa também é a realidade quando se trata de orientação sexual e diversidade de gênero.

Se continuarmos reproduzindo esse tipo de opressão entre nós, quem mais ganha com isso é a classe dominante (governos e direção das empresas). A FENAMETRO e os sindicatos devem promover cursos sobre opressão para dirigentes e ativistas.

Dar condições para que as mulheres possam participar das atividades com a organização de creches nas atividades organizadas pelos sindicatos e FENAMETRO.

Que a secretaria de mulheres da federação se coloca à disposição para tratar dos casos de opressão contra as mulheres que ocorram nos sindicatos filiados e junto com assecretarias ou comissão de mulheres dos sindicatos ajude na apuração e nas propostas de resoluções sobre os casos.

## Mulher negra

*Contribuição de Rosa Maria Anacleto - Secretária de Igualdade Racial da Fenametro*

Atualmente, 54% da população brasileira é composta por pretos ou pardos, (grupos agregados na definição de negros), desse total 28% são de mulheres negras.

Nos mulheres negras lutamos para viver em uma sociedade sem o racismo sem a opressão de classe e gênero, com a garantia de direitos, com a garantia de espaços e visibilidade, essa luta em vários momentos e bloqueada pela estrutura racista que mantém o discurso da meritocracia e democracia racial.

As Mulheres, em especial as Mulheres Negras, sempre foram protagonistas dos movimentos pela Saúde, pela Habitação, pela Educação. Não sem luta, conquistamos o SUS, os mutirões habitacionais, a Lei 10.639/03 e, as cotas raciais nas universidades federais e recentemente na USP, cotas no serviço público no município de São Paulo, etc. . Sabemos que estamos distantes de uma sociedade igualitária, livre de racismo, machismo, luta de classe, fobias e ódios de todas as ordens, mas sabemos também que essa sociedade igualitária é possível através do nosso ativismo.

Seguimos fortes em nossas mais diversas formas de organização, pelos direitos conquistados e pela nossa cidadania, e participando das principais lutas do movimentos sociais, com ênfase no Movimento negro e de mulheres negras. Pelo direito a ser mulher e negra, direito ao trabalho decente com um salário igual, educação de qualidade e gratuita, a viver sem violência, direito a

saúde, ao saneamento básico, direito a moradia, direito a cultura, liberdade de expressão, direito a professar uma religião ou nenhuma, direito a um mundo sem racismo, direito a um mundo sem o genocídio da juventude negra.

Cabe a Fenametro estimular os estados a terem a Secretaria de Igualdade Racial para discutir com as trabalhadoras e trabalhadores, os agravos resultantes do racismo, do racismo institucional que estrutura a sociedade, como ele atua na categoria e a necessidade de implementar nas pautas de negociações coletivas ações afirmativas, para promover a equidade.

É externamente dar apoio, visibilidade e promover debates no 25 de Julho - Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha e de Tereza de Benguela, no dia 13 de Maio - Abolição Inconclusa e dia 20 de Novembro dia da consciência Negra e de Zumbi dos Palmares.

## **Tese do Grupo de Mulheres Pão e Rosas sobre o combate as opressões (Luta feminista, negra e LGBT)**

*Contribuição de Guarnieri, Marília e Daphne*

- Basta de assédio contra as trabalhadoras! Além do assédio moral da chefia as mulheres trabalhadoras sofrem também com o assédio sexual. Os supervisores e outros cargos superiores se aproveitam da sua localização para assediar as trabalhadoras. Isso deve ser denunciado e esses funcionários punidos. Além disso, esse machismo institucional é o que alimenta o machismo cotidiano que as mulheres sofrem dentro das categorias. Devemos combater o machismo que se expressa também internamente, seja na base, seja entre as direções sindicais. É necessário realizar cursos de formação e debates educativos nos organismos de direção da Fenametro e também nas bases das categorias.

- Que os sindicatos impulsionem campanhas contra os assédios e violência e reuniões abertas aos trabalhadores e usuários para tratar do tema! Nenhuma confiança na polícia e na justiça! É necessário colocar a frente as mulheres na luta pelo controle dos serviços básicos e impulsionar comissões através das Secretarias de mulheres dos sindicatos junto às trabalhadoras e usuárias para discutir, apurar e decidir medidas educativas em relação aos casos de agressão. As mulheres trabalhadoras efetivas e terceirizadas violentadas ou assediadas devem ter direito a licenças remuneradas no trabalho se assim necessitarem, com tratamento físico e psicológico pago integralmente pelo governo e pela direção da empresa de transporte onde ocorreu o abuso! Imediata expansão pública dos transportes, mais trens, planificação dos transportes e controle de trabalhadores e usuários!

- Precisamos combater o discurso da democracia racial. Os negros sofrem racismo estrutural na nossa sociedade. Não é à toa que vemos dentre os trabalhadores efetivos uma porcentagem muito menor de trabalhadores negros do que brancos. Já entre os terceirizados, a proporção é inversa. E para as mulheres negras, machismo e racismo se combinam. Nas empresas terceirizadas onde o trabalho é mais precário, como na limpeza, a terceirização tem rosto de mulher negra. E agora com a aprovação da terceirização irrestrita através do PL 4302 essa precarização vai atingir setores ainda mais amplos da nossa classe. Temos que combater a terceirização na malha metro-ferroviária, ao mesmo tempo em que lutamos pela efetivação dos terceirizados com os mesmos direitos e salário que os efetivos. Nas empresas públicas, essa efetivação deve se dar sem necessidade de concurso, já que os terceirizados já comprovam todos os dias que estão aptos para o trabalho.

- Basta de LGBTfobia! Temos que fazer campanha educativas junto à população e também internamente à categoria, fazendo exigências às empresas metro-ferroviárias. As empresas devem respeitar a identidade sexual de todas as pessoas.

## Combate a LGBTfobia

*Contribuição de Marcos Freire, Ivânia, Almir e Celso Borba*

Os números alarmantes das violências que ocorrem contra a população LGBT no Brasil é comparado ao dos países mais homofóbicos e que mantem em suas leis violações aos Direitos humanos dessa população. O Brasil não exprime essas violações em leis, porém a prática perniciosa e omissiva, leva a dados alarmantes das agressões, violências e desrespeito a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

A cada 25 horas um LGBT é assassinado no Brasil, em 2016 foram 347 assassinatos, em 2017 a média já ocupa 4,6% de mortes por mês. Essa violência reflete o grau de preconceito e de segregação de setores minoritários e marginalizados da sociedade como é a população LGBT.

Essas violações nascem muitas vezes no seio da família, segue até a escola e culmina no ambiente de trabalho. É preciso cada vez mais intensificar o trabalho de combate a qualquer forma de discriminação por orientação sexual e identidade de gênero no local de trabalho, e essa luta só se concretiza com ações que dialogam com os trabalhadores(as) de forma direta e franca, na desconstrução de preconceitos e práticas que afastam e segregam o trabalhador LGBT.

O processo formativo na desconstrução dos preconceitos e falta de conhecimento na questão da orientação sexual e identidade de gênero é fundamental na eliminação da discriminação no ambiente de trabalho. Por isso, o avanço no diálogo com a questão LGBT é premente nas várias categorias, e particularmente nós metroviários, como setor de vanguarda no transporte público e em temáticas que fogem unicamente a questão econômica, temos que continuar avançando no diálogo não somente com nossa base, mas com a direção das empresas. O Patronato ou governos tem que encampar a agenda de combate as opressões. O trabalhador(a) não é dissociado de seu bem estar social.

Diante disso, essa tese vem sollicitar a criação da Secretaria LGBT pela FENAMETRO. Assim facilitará o diálogo, a elaboração e execussão de políticas e ações que combatam a LGBTfobia no mambiente de trabalho.

## Racismo e a política

*Contribuição de Rosa Maria Anacleto - Secretaria da Igualdade Racial da Fenametro*

Estamos em momentos difíceis da nossa história, desemprego em alta, reformas que atacam diretamente o povo brasileiro com perdas de direitos conquistados há décadas. Temos uma crise institucional promovida por um governo ilegítimo por intermédio de um golpe de estado. No meio disto, empresários se beneficiam com a aprovação da reforma trabalhista, com a aprovação da terceirização irrestrita do mercado de trabalho e conseqüente precarização dos postos de serviço. Os governos por sua vez tem se aproveitado para promover privatizações e concessões, terceirizações e PDV no quadro do funcionalismo publico

Para a FENAMETRO, revogar a CLT, extinguir a aposentadoria e retirar do Estado a obrigação constitucional de oferecer educação, saúde, investimentos e serviços públicos de qualidade constitui numa grave violação na qualidade de vida das trabalhadoras e trabalhadores comparável ao período da escravidão. Na ponta disso tudo o povo, que é atingido frontalmente com o sucateamento dos serviços, dos atendimentos, é em especial os grupos mais vulnerabilizados de nossa sociedade. Mulheres, Mulheres negras e negros, que são os usuários principais.

Está na pauta dos governos atuais diminuir ainda mais a capacidade do Estado em incidir na economia, para isso prepara um mergulho do país num rigoroso processo de privatizações e concessões, visando a entrega de grandes extensões de terras na Amazônia Legal, além das empresas públicas na área de energia, transporte, finanças, educação, parques públicos etc.. Iniciou ataques aos servidores públicos e trabalhadores das estatais com as reformas, com o proposito de desmontar essas empresas e serviços para entregar ao setor privado, o patrimônio construído com o investimento publico.

É hora de união de todos metroviários em torno da defesa dos direitos trabalhistas, do emprego, da riqueza nacional, das empresas estatais e da democracia. Na pauta dessa união, deve incorporar direitos coletivos decorrentes de agravos que pesam sobre amplos setores da sociedade, tais como o racismo e o machismo, a inobservância desses fatores aprofunda a desigualdade entre homens e mulheres, negros e brancos existente entre os brasileiros.

A FENAMETRO mobilizará os metroviários, por nenhum direito a menos, para combater a política de regressão de direitos que avança no Brasil e manterá seu compromisso de defender políticas internas e externas que promovam igualdade entre homens e mulheres, negras, negros existentes na nossa nação, independentemente da sua condição etnicorracial, respeitando a sua diversidade.

## **A luta no combate as opressões racistas é necessária e urgente**

*Contribuição de Elias Alfredo - RJ, Vania Maria – SP, Valeria – RJ, Julia – SP, Carlão – SP, Raimundo –SP e Marisa – SP*

As contra reformas do governo Temer, impõe a retirada de direitos da classe trabalhadora, remetendo a um grande retrocesso histórico de conquistas trabalhistas.

O racismo institucional impõe menos direitos aos negros, que com as contra reformas serão o que mais sofrerão, engrossando mais ainda o exercito de pobres, desempregados, sem teto e de pessoas sem perspectivas. A escolha de mudança na situação, poderá vir da reação deste exercito: o povo pobre negro. Faz se então necessário a luta contra a discriminação racista nos movimentos sociais; tais como os sindicatos , federações, centrais sindicais em todas as esferas de trabalhadores

A luta dos trabalhadores negros e não negros deve ser unificada, reivindicando o direito ao futuro de todos os trabalhadores, pelo fim do genocídio da juventude negra, lutar pelas garantia dos direitos trabalhistas e previdenciário, direito a moradia digna, saúde, a escola publica de qualidade, direito ao transporte público estatal e de qualidade, direito as reparações históricas do povo negro, bem como as reivindicações históricas do movimento negro; política de inclusão a exemplo das cotas raciais com políticas de permanência nas universidades públicas, cotas de inclusão nos concursos públicos, direitos a cultura de origem como os quilombolas, indígenas e imigrantes, assim como direito a terra, aos cultos religiosos. Enfim a luta pela igualdade racial, contra toda a forma de discriminação étnico – racial de gênero, lutar contra o sistema que oprime e explora a todos: o capitalismo.

Campanhas sistemáticas de combate ao racismo junto aos trabalhadores, bem como promover seminários, palestras, enaltecendo/popularizando datas de lutas do movimento negro como: 21 de Março Dia Internacional contra o Racismo, 13 de Maio de denuncia ao racismo, 25 de Julho “ Dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, 20 de Novembro “Consciência Negra” ( Zumbí dos Palmares).

Implemento de pautas de reivindicações as empresas Metro ferroviárias, para que tenham ações que combatam as discriminações racistas.

### **Dia da Mulher africana**

Essa data é para lembrar todas as Mulheres em luta no continente africano, mas também chamamos a atenção para as milhares de mulheres que migram ao nosso país, em busca de dignidade e melhores condições de vida. Por aqui encontram o mesmo que suas ancestrais, racismo, maus tratos e muita exploração.

Por todas as mulheres negras, na África ou no Brasil, nós seguimos em luta contra todo tipo de opressão, de desigualdade e contra essa sociedade capitalista que quer reproduzir cada vez mais essa realidade. #MulheresNegrasNaoParamDeLutar

# Balanço da Gestão

## Contribuição ao balanço da gestão

*Contribuição de LS/Unidos pra Lutar*

A FENAMETRO tem cumprido um papel muito importante nos últimos anos, esta gestão que está terminando fez um diferencial de momentos anteriores quanto à luta, organização e comunicação com a base das categorias.

Particularmente seu posicionamento de radicalidade na greve geral de 28/04, onde 8 dos 9 estados que compõem a federação pararam suas bases alentando em suas cidades a paralisação geral, demonstrando que com organização e coesão é possível mobilizar e dar uma direção para a luta dos trabalhadores.

Infelizmente, o recuo dado por quase todas as centrais sindicais ao longo da construção da greve geral, e por fim, particularmente a CUT/PT e a CTB/PCdoB no dia 30/06, desmobilizou ativistas e trabalhadores, e de fato facilitou a implementação por parte do governo, da reforma trabalhista.

Dirigente da FENAMETRO que representa a CTB foi defender greve em Belo Horizonte para o dia 30/06 e ao voltar para São Paulo, em assembleia se posicionou contra a greve. Esta política teve repercussão nos metroviários do país inteiro e em particular os de São Paulo que estão passando por ataques do governo extremamente violentos, de terceirização das bilheterias, de vários setores da manutenção e da privatização programada para setembro. Esta política de esfriar o movimento que deixou os metroviários com pé atrás, se repetiu na assembleia do dia 31/07 em São Paulo, o mesmo coordenador representante da CTB fez um discurso radical e na hora de votar recuou e propôs o adiamento da greve. A maioria da assembleia claramente votou pela greve para o dia 01/08, mas as manobras de encaminhamento e a negativa em contar os votos provocou confusão e o fim pouco claro da assembleia, favorecendo assim mais uma vez o governo Alckmin.

Chamamos à reflexão as companheiras e companheiros metroviários para não seguir essas políticas vacilantes de vai e vem que não ajudam a avançar, a unidade na luta é importante, mas é decisivo marcar as diferenças para não sermos cúmplices de um caminho que pode nos levar à derrota.

A luta continua, confiemos na base e sigamos construindo uma nova direção classista, democrática, que não vacile na hora de lutar.

## Plano de lutas

### **E-SOCIAL uma nova era nas relações entre empregadores, empregados e governo sem controle social**

*Assinam esta contribuição: Andre Inocêncio, Antonio Takahashi, Dagnaldo Gonçalves, Edgar Balestro, Francisco Duarte, Marcelo Alves, Paulo Pasin, Paulo Otávio e Raquel Amorim.*

O eSocial é um projeto do governo federal que irá unificar em meio digital as informações trabalhistas, previdenciárias e fiscais relativas a empregados, empregadores, contribuintes individuais e contratações de serviços no território brasileiro. Controle social é a participação da socie-

dade civil (Audiências públicas, ação popular e ação cível pública) nos processos de planejamento, acompanhamento, monitoramento das ações da gestão pública e execução das políticas públicas e programas públicos).

Sistema controlará informações sobre: Vínculos Empregatícios, Pagamentos e Adiantamentos dos trabalhadores, Despesas em Planos de Saúde Privado, Reabilitação Profissional, Recolhimento de Fundo de Garantia por Tempo de Serviço-FGTS, Recolhimento de Contribuições ao Instituto de Seguridade Social-INSS, Aposentadoria por Tempo de Contribuição e Especial, Aposentadoria por Invalidez, Comunicação de Acidente de Trabalho-CAT, Fator Acidentário de Prevenção-FAP por Estabelecimento, Jornada de Trabalho, Afastamento por Auxílio Doença ou Acidentária identificados por Código Internacional de Doença-CID 10, Imposto de Renda Pessoa Física-IRPF, Disponibilização do Perfil Profissiográfico Previdenciário- PPP no eSocial, Programa de Prevenção dos Riscos Ambientais-PPRA (NR 9), Programa Médico de Saúde Ocupacional-PCMSO (NR 7) e outras informações relacionados à vida laboral, saúde e fiscal de todos os trabalhadores brasileiros.

Portanto, faz-se necessário que a Federação Nacional dos Metroferroviários-FENAMETRO promova seminário com todos os Sindicatos filiados e os trabalhadores para debater eSocial, com participação de representantes do Ministério da Previdência Social, Ministério Público, Centrais Sindicais, Sindicatos, Federações, Juristas e Estudiosos (Dra. Maria Maeno da Fundação Jorge Dru- pat e Figueiredo-FUNDACENTRO, Walcir Previtalo - Secretário de Saúde e Condições do Trabalho do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Regiões e outros estudiosos), para debater formas de lutas para impedir o carregamento de informações da saúde do trabalhador e informações previdenciárias para não serem utilizadas contra os trabalhadores.

## **Avaliação de competência “instrumento de assédio moral e organizacional”**

*Assinam esta contribuição Andre Inocêncio, Antonio Takahashi, Dagnaldo  
Gonçalves, Edgar Balestro, Francisco Duarte, Marcelo Alves, Paulo Pasin,  
Paulo Otávio e Raquel Amorim.*

Destes conceitos extraem-se os elementos gerais do assédio organizacional, quais sejam, a conduta abusiva, sua prática reiterada e a finalidade de aumentar a produtividade e lucratividade da empresa.

Na Companhia do Metropolitano de São Paulo – Metrô, foram desenvolvidos sistemas de controle de frequência (horário de entrada, saída, horários de refeições), controle de faltas motivadas por doença ou doença relacionado ao trabalho, tratamento de seções de fisioterapia, testemunha de ação judicial, liberações de dirigentes sindicais, todos previstos em ACT e previstas em lei, além do impedimento dos dirigentes sindicais de acesso aos locais de trabalho para exercerem atividades sindicais. Tais dados são apresentados aos trabalhadores, anualmente, e rebaixados as suas notas de avaliação de competência, além do uso de critérios subjetivos para negar “aumentos e promoções” aos trabalhadores que não estão no teto de suas funções, além do uso para demissão com alegação no “Comunicado de Demissão – CD”, com anotação de “iniciativa da empresa”.

Faz-se necessário, denunciar a Companhia do Metropolitano de São Paulo – Metrô, no Ministério Público do Trabalho – MPT e na Organização Internacional do Trabalho – OIT por práticas que afrontam a vida e os direitos dos trabalhadores.

## **Aprimorar a divulgação de nossas campanhas**

*Contribuição de Alex Santana*

Tendo em vista a necessidade de alcançarmos o maior público possível em nossas campanhas, de forma que conscientize e espalhe nossos argumentos, temos que buscar ampliar nossas formas de divulgação utilizando o máximo de ferramentas possíveis e dando prioridade aos nossos recursos para melhorarmos nossa comunicação de forma ampla e geral.

Dessa forma, devemos buscar parceiros para juntos buscarmos espaços midiáticos, utilizarmos não somente mídias impressas, mas ampliar as divulgações nas diversas redes sociais, inserir de forma institucional a Fenametro nas rádios e, pontualmente utilizarmos também o recurso de comunicado. Engajarmos na construção de um canal efetivo de rádio e TV, através do Youtube e outras ferramentas.

A Fenametro deve sair com uma política de reunir os sindicatos filiados e outros sindicatos de categorias parceiras, para montarmos uma programação de pauta comum e buscarmos entrar na grade de TVs menores, com financiamento rateado entre as próprias entidades.

Todo o esforço nesse campo é necessário e pequeno em se comparando com o poder midiático que os governos e grandes empresários têm. Por isso a importância de pensarmos grande, extrapolarmos os nossos limites sindicais.

## **O Desgoverno do Distrito Federal**

*Contribuição de Divina Marques, Quintino Santos e Ronaldo Amorim de Sousa*

Por trás da cortina de fumaça do discurso de endividamento e da suposta quebra de Estado – a chamada “herança maldita” recebida de seu antecessor, Agnelo Queiroz (PT) –, o governador Rodrigo Rollemberg (PSB) encaminhou à Câmara Legislativa, um projeto de lei que autoriza o Distrito Federal a alienar participação societária de suas empresas. Seriam colocadas à venda ações das doze estatais da estrutura do GDF sobre o argumento de que o dinheiro, na tese privatista do Desgoverno do DF, seria usado para equilibrar as contas do governo e pagar as dívidas com servidores e fornecedores.

No entanto, a manobra de Rollemberg foi denunciada por trabalhadores e sindicatos, como uma verdadeira dilapidação do patrimônio público. Foram feitos vários enfrentamentos denunciando a manobra de Rollemberg, barrando momentaneamente essa investida. Atualmente, a matéria encontra-se engavetada, provavelmente aguardando o oportuno momento para ser lançada novamente, em conjunto com as constantes séries de ataques que o GDF vem promovendo contra os trabalhadores.

Diante dessa situação, e montando um paralelo as lutas que ocorrem em todos os estados diante de todos os ataques, propomos:

1. Aprofundar a formação política das categorias em relação ao Estado;
2. Intensificar as ações unitárias com outras categorias no combate de medidas que visem à retirada de direitos da classe trabalhadora;
3. Intensificar as ações nos locais de trabalho;
4. Organização a luta e forçarmos a defesa do patrimônio público.
5. Lutar contra as terceirizações, denunciando a precarização das relações de trabalho.
6. Disponibilizar assessoria técnica e política para que as categorias compreendamos danos causados pela terceirização e pela privatização;

7. Estimular as categorias a denunciarem as situações em que há sobrecarga de trabalho, a fim de fazer um diagnóstico da falta de pessoal para que sejam prestados serviços de qualidade para a população;
8. Intensificar as ações pelo chamamento dos aprovados nos concursos.
9. Desenvolver campanhas com a intensa participação da população. Essa aliança é fundamental para barrar os desmandos, a precariedade nas condições de trabalho.
10. É preciso reunir todo esforço político e jurídico para impedir o aprofundamento da lógica privatizante

Unidos somos mais fortes!

## **Estatuto**

### **Proposta de Alteração estatutária 1**

*Contribuição de Celso Borba*

#### **ARTIGO 2, aditivo**

E- Lutar contra toda e qualquer privatização, concessão e terceirização de todo e qualquer Governo

Justificativa – a Fenametro para permanecer independente de qualquer Governo tem que colocar no seu estatuto a luta contra as famigeradas Privatizações Concessões e terceirizações

#### **Capítulo 2, artigo 9 parágrafo 4 aditivo**

1ª quando se for realizada em assembleia que seja de forma por chapa e proporcional

Justificativa - esse tem haver com garantia que ao tirar delegados para o congresso em assembleia seja feita por chapa e proporcional já que hoje não tem essa garantia e tem que defender a fazer votação por nome e nesse caso maioria traria todos os nomes o que é totalmente antidemocrático

#### **Capítulo 3, Artigo 17**

Exclusão item d que fala que tem que ter 50% dos sindicatos filiados a federação para participar da eleição,

Justificativa - minha proposta é que não se tenha numero mínimo de Estados, para que a federação passe a respeitar mais ainda os que venham com posições de algum estado

## Proposta de Alteração estatutária 2

*Contribuição de Ariston Siqueira dos Santos*

CAPÍTULO II – Da estrutura, Administração, Representação e gestão Financeira e Orçamentária da FENAMETRO

Artigo 9º/ parágrafo 4º/ item 4º

“Ao se realizar a eleição de delegados por assembleia, deverá ser respeitada a proporcionalidade entre as chapas inscritas”

Sugestão: SUPRESSÃO do texto

Motivo para supressão: A redação atual faz ingerência na autonomia da entidade sindical, determinando a forma de escolhas de seus delegados (as), os sindicatos possuem a liberdade de escolher a forma de votação a ser implementada em suas eleições.

## Proposta de Alteração estatutária 3

*Contribuição de Alex Santana*

No artigo 11, alínea ‘b’, excluir a frase: “inclusive as referentes às alterações estatutárias”.

No artigo 26 excluir o trecho escrito “ou Plenária Nacional”.

Justificativa: Uma Plenária tem menor representatividade que um congresso, dessa forma, é no mínimo antidemocrático que algum artigo do estatuto, que tenha sido amplamente debatido num congresso, com quantidade maior de delegados de cada estado, possa ser alterado em uma plenária. Por isso, as alterações estatutárias só devem ser permitidas em congresso.

## Proposta de reestruturação da Diretoria da Fenametro

*Contribuição de Ariston Siqueira dos Santos*

Conselho fiscal: Mudança para um número ímpar, para no caso de votação não haver possibilidade de empate.

Função dos diretores adjuntos: Auxiliar e substituir quando necessário o Diretor (a) responsável pela respectiva Secretaria.

Função do diretor (a) Secretaria de Assuntos LGBTTs, diversidade sexual e identidade de gênero:

a) realizar e promover matérias periódicas sobre as questões das LGBTTs, nos materiais impressos e de mídia da categoria;

b) atuar conjuntamente com as demais secretarias, principalmente a Secretarias de Assuntos de Discriminação Racial e Secretaria de Assuntos da Situação da Mulher para, sempre que possível, encaminhar propostas conjuntas; ou de identidade de gênero;

c) incentivar e propiciar meios para a participação LGBTTs nas atividades sindicais;

d) investigar e elaborar documentos sobre a situação dos LGBTTs e propor soluções;

e) envolver as demais secretarias sindicais na responsabilidade e atuação para solucionar os problemas detectados, a respeito da situação LGBTTs;

f) elaborar e desenvolver políticas de inclusão e de identidade do grupo LGBTs dentro do sistema metroviário visando sua inclusão no todo da sociedade.

<b>Reestruturação da diretoria da Fenametro</b>	
<b>Atual</b>	<b>Proposta</b>
1 - Presidente Vice-Presidências regionais (6)	1 - Diretor Presidente Vice-Presidências Regionais ( 6)
2 - Secretaria Geral	2 - Secretaria Geral Diretor (a) Adjunto da Secretaria Geral
3 – Tesouraria 4 - 1ª Tesouraria	3 - Secretaria de Finanças Diretor (a) adjunto Secretaria de Finanças
5 - Política Sindical e Organização	4 - Secretaria de Política Sindical e Organização Diretor (a) Adjunto da Secretaria de Política Sindical e Organização
6 - Formação	5 – Secretaria de Formação Diretor Adjunto (a) da Secretaria de Formação
7 - Assuntos Jurídicos	6 - Secretaria de Assuntos Jurídicos Diretor (a) Adjunto Secretaria de Assuntos Jurídicos
8 - Imprensa e Divulgação	7- Secretaria de Imprensa e comunicação Diretor (a) Adjunto da Secretaria de imprensa e divulgação
9 - Assuntos da Situação da Mulher	8 - Secretaria de Assuntos da Situação da Mulher Diretor (a) Adjunto da Secretaria de assuntos da Mulher
10 - Assuntos da Discriminação Racial	9 - Secretaria de Assuntos da Discriminação Racial Diretor (a) adjunto da Secretaria de Assuntos da Discriminação Racial
11 - Relações Intersindicais	10 - Secretaria de Relações Intersindicais Diretor (a) adjunto da Secretaria de Relações Intersindicais
12 - Saúde e Segurança do Trabalho	11 - Secretaria de Saúde e Segurança do Trabalho Diretor (a) adjunto da Secretaria de Saúde e Segurança do Trabalho
13 - Política de Aposentadoria	12 - Secretaria de Política de Aposentadoria Diretor (a) adjunto da Secretaria de Política de Aposentadoria
14 - Cultura, Esporte, Ciência e Tecn.	13 - Secretaria de Cultura, Esporte, Ciência e Tecn. Diretor (a) adjunto da Secretaria de Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia
15 - Meio Ambiente	14 - Secretaria de Meio Ambiente Diretor (a) adjunto da Secretaria de meio Ambiente
	15 - Secretaria de Assuntos LGBTTs, diversidade sexual e identidade de gênero. Diretor (a) adjunto da Secretaria de Assuntos LGBTTs, diversidade sexual e identidade de gênero.
16 - Diretorias efetivas (08)	16 - Diretorias efetivas (extintas)
17 - Conselho Fiscal (06)	17 – Conselho Fiscal(07)
Total de diretores :37	Total de diretores 42

**WWW.FENAMETRO.ORG.BR**



**BAIXE NOSSO APLICATIVO**



**/FENAMETRO**



**/FENAMETRO**

**FENAMETRO**

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS METROFERROVIÁRIOS

Email: [imprensa@fenametro.org.br](mailto:imprensa@fenametro.org.br)

Endereço: Rua Serra do Japi, 31 São Paulo/SP • CEP 03309-000

Telefone: (11) 2296.3303